

Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e
Documentação - FACE
Departamento de Ciência da Informação e Documentação - CID

Camila Santos Miranda

Ex libris:

uma perspectiva histórica e contemporânea

Brasília-DF,
2009

Camila Santos Miranda

Ex Libris:

uma perspectiva histórica e contemporânea

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Departamento de Ciência da Informação
Documentação da Universidade de Brasília para
obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof^a. Dulce Maria Baptista.

Brasília-DF,
2009

Miranda, Camila Santos.

Ex libris: uma perspectiva histórica e contemporânea / Camila Santos Miranda. Brasília: UnB, 2009.

92 f.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof. Dulce Maria Baptista.

1. *Ex Libris* – conceituação – trajetória histórica – classificação – análise. 2. Técnicas de gravura. 3. *Ex Webis*

Resumo

Ao longo da história, os livros sempre tiveram um importante papel frente às fontes informacionais. Diante disso, fez-se necessário elaborar uma marca bibliográfica para que esses documentos pudessem ser identificados. Criou-se então o denominado *ex libris*. Expressão proveniente da etimologia latina, “*ex libris*” significa, em português, “*dos livros de*”, “*da biblioteca de*” ou ainda “*livros dentre aqueles*”. Além de identificar, também personalizam artisticamente a obra de acordo com os gostos e ideais de seu possuidor através de desenhos e dizeres. Tais marcas podem ser confeccionadas a partir de diversas técnicas de impressão. De acordo com os elementos retratados, os *ex libris* podem ser classificados tanto pela tipologia quanto pela abordagem de tema. Célebres personalidades brasileiras, entre literatos, políticos, músicos, entre outros, tiveram a sua própria marca de propriedade que também é associada a status e poder. Hodiernamente, devido ao avanço tecnológico, os modelos tradicionais de fontes de informação, os impressos, também podem ser visualizados em formato eletrônico. Sendo assim, criou-se o *ex webis*, objetivando adequar os mencionados requisitos de propriedade, status e poder às novas tendências tecnológicas, artísticas e informacionais.

Palavras-chave: *Ex libris* – significado, trajetória histórica, classificação, importância, análise, estrutura. Marca bibliográfica. *Ex webis*. Técnicas de impressão. Arte gráfica.

Abstract

Throughout history, books have always had an important role *vis a vis* informational sources. In this light, it was necessary to develop a brand for literature so that these documents could be identified. This led to a so-called *ex libris*. Expression from the Latin etymology, "*ex libris*" means in Portuguese, "the books", "the library" or "among those books." In addition to identifying, it also customizes the artistic work according to preferences and beliefs of its owner through drawings and sayings. Such tags can be manufactured from a variety of printing techniques. According to the information portrayed, *ex libris* can be classified both by type of approach and by the theme. Brazilian famous personalities, including writers, politicians, musicians, and others had their own brand of property that is also associated with status and power. Nowadays, due to technological advances, traditional models of information sources, the forms can be viewed in electronic format, so that *ex webis* was created, aiming to adapt to new technological trends, artistic and informational.

Keywords: *Ex libris* - meaning, historical background, classification, importance, analysis, structure. Bibliographic brand. *Ex webis*. Printing techniques. Artwork.

Lista de figuras

Figura 1 - Ex Libris de Alfred Cossman.....	15
Figura 2 - Ex Libris de Alfred Cossman.....	15
Figura 3 - Ex Libris de Paulo E. D'Alessandro	19
Figura 4 - Ex Libris de Alberto Lima	24
Figura 5 - Ex Libris da S.A.B.E.L.....	26
Figura 6 - Esquema das técnicas de impressão.....	32
Figura 7 - Ex Libris de Mendes de Aguiar	34
Figura 8 - Etiquetas tipográficas do Conde de Iguassú e José Rodrigues Barboza..	35
Figura 9 - Ex Libris de Emil August Goldi.....	36
Figura 10 - – Ex Libris de Pedro da Veiga Ornellas	38
Figura 11 - Ex Libris de Elvino Pocaí.....	39
Figura 12 - Ex Libris de Jayme Luiz Smith de Vasconcellos	40
Figura 13 - Ex Libris de Luiz G. Cúrio	41
Figura 14 - Ex Libris de Friedrich Baldi	43
Figura 15 - Ex Libris de S. Tyukanov	45
Figura 16 - Ex Libris de Joselito	46
Figura 17 - Ex Libris de Marina Quiteiro Esteves	47
Figura 18 - Ex Libris de Luella de Vasconcellos.....	48
Figura 19 - Ex Libris de Alceu de Campos Pupo.....	49
Figura 20 - Ex Libris de Abrahão Carvalho	50
Figura 21 - Ex Libris de Gernot Blum	52
Figura 22 - Ex Libris de Edwuard Penkov	55
Figura 23 - Retrato do Barão do Rio Branco	57
Figura 24 - Ex Libris de Barão do Rio Branco	58
Figura 25 - Retrato do Visconde do Rio Branco	59
Figura 26 - Ex Libris de Visconde do Rio Branco	60
Figura 27 – Retrato do Visconde de Cavalcanti	61
Figura 28 - Ex Libris de Visconde de Cavalcanti	62
Figura 29 - Retrato de Eduardo Prado	63
Figura 30 - Ex Libris de Eduardo Prado	64
Figura 31 - Ex Libris de Rubens Borba	66
Figura 32 - Retrato de Oswaldo Cruz.....	67

Figura 33 - Ex Libris de Oswaldo Cruz.....	68
Figura 34 - Retrato de Catullo da Paixão Cearense.....	69
Figura 35 - Ex Libris de Catullo da Paixão Cearense.....	70
Figura 36 - Retrato de Getúlio Vargas.....	72
Figura 37 - Ex Libris de Getúlio Vargas.....	74
Figura 38 - Ex Libris de Otto Floriano.....	77
Figura 39 - Retrato de Cecília Meirelles	78
Figura 40 - Ex Libris de Cecília Meirelles	79
Figura 41 - Retrato de Carlos Lacerda	80
Figura 42 - Ex Libris de Carlos Lacerda	81
Figura 43 - Retrato de Juscelino Kubitschek.....	82
Figura 44 - Ex Libris de Juscelino Kubisteck	84
Figura 45 - Ex Webis de Luthio di Céciro	88

Sumário

1 Introdução.....	8
2 Justificativa.....	9
3 Objetivos	9
4 Metodologia	10
5 Descrição e análise	10
6 <i>Ex libris</i>: conceituação	11
6.1 Significação	11
6.2 Finalidade e importância.....	12
6.3 Escrita.....	14
6.4 Pronúncia.....	16
6.5 Valor	17
6.6 Estrutura	18
7 Trajetória Histórica.....	20
7.1 Brasil.....	23
7.1.1 Sociedades	25
7.1.2 Coleções	26
8 Técnicas de gravura.....	27
8.1 Impressão em relevo	29
8.2 Impressão a entalhe	30
8.3 Impressão plana	31
8.4 Impressão por permeação	31
9 Classificações	33
9.1 Quanto à tipologia.....	33
9.1.1 <i>Ex libris</i> Manuscritos	33
9.1.2 <i>Ex libris</i> Encadernados.....	34
9.1.3 <i>Ex libris</i> Móveis	34
9.1.4 <i>Ex libris</i> Gravados	36
9.2 Quanto aos temas abordados.....	37
9.2.1 Etiquetas	37
9.2.2 <i>Ex libris</i> Heráldicos ou Armoriados.....	38
9.2.3 <i>Ex libris</i> Simbólicos	39
9.2.4 <i>Ex libris</i> Paisagísticos.....	40
9.2.5 <i>Ex libris</i> Mistos	41

9.2.6 <i>Ex libris</i> Macabros	42
9.2.7 <i>Ex libris</i> Humorísticos	45
9.2.8 <i>Ex libris</i> Infantis	46
9.2.9 <i>Ex libris</i> Livrescos.....	47
9.2.10 <i>Ex libris</i> Femininos	48
9.2.11 <i>Ex libris</i> Faunísticos	49
9.2.12 <i>Ex libris</i> Profissionais	50
9.2.13 <i>Ex libris</i> Eróticos.....	51
9.2.14 <i>Ex libris</i> Surrealistas.....	53
10 Interpretação e análise.....	56
10.1 <i>Ex libris</i> do Barão do Rio Branco	57
10.2 <i>Ex libris</i> do Visconde do Rio Branco	59
10.3 <i>Ex libris</i> do Visconde de Cavalcanti.....	61
10.4 <i>Ex libris</i> de Eduardo Prado	63
10.5 <i>Ex libris</i> de Rubens Borba	65
10.6 <i>Ex libris</i> de Oswaldo Cruz.....	67
10.7 <i>Ex libris</i> de Catullo da Paixão	69
10.8 <i>Ex libris</i> de Getúlio Vargas.....	72
10.9 <i>Ex libris</i> de Otto Floriano.....	76
10.10 <i>Ex libris</i> de Cecília Meirelles	78
10.11 <i>Ex libris</i> de Carlos Lacerda	80
10.12 <i>Ex libris</i> de Juscelino Kubitschek	82
11 Panorama atual.....	87
12 Conclusão	90
13 Bibliografia.....	91

1 Introdução

Sabe-se que desde os primórdios, independente do modo de confecção, seja em papiro, pergaminho ou o hodierno papel, os livros são considerados um dos objetos mais valorizados e apreciados. Por consequência de tal estima, têm sido historicamente, também, objeto de ambição e cobiça, além de símbolo de status para seus possuidores. Diante disso, fez-se necessário a criação de uma forma de assinalá-los, de modo que fosse identificado o proprietário deste precioso bem.

Criou-se então o denominado *ex libris* que, além de indicativo de propriedade, individualiza e personaliza a obra de uma forma artística, podendo, diante de suas imagens e dizeres identificar os gostos, os ideais, as características marcantes e as preferências do possuidor.

Dada a importância histórica e artística desta marca de propriedade, pretende-se com a realização deste trabalho abordar a trajetória histórica dos *ex libris*, tendo em vista aspectos de conceituação, utilização, estrutura, classificação, técnicas de impressão entre outros. Serão identificados alguns dos principais e célebres possuidores brasileiros, em seguida, serão analisadas as suas respectivas marcas de posse.

Neste trabalho apresentar-se-á também um novo tipo de arte gráfica: o *ex webis*. Prática esta, pouco abordada na literatura brasileira e estrangeira devido ao caráter recente de sua criação.

2 Justificativa

O trabalho justifica-se em função da relevância histórica do tema para estudos e pesquisas referentes à história do livro, evolução de diferentes culturas letradas, bem como pela escassa literatura existente sobre o assunto.

3 Objetivos

Devido à importância tanto histórica quanto artística de tal marca bibliográfica este trabalho visa:

- traçar a trajetória histórica do *exlibrismo* no Brasil e no mundo;
- analisar e interpretar os *ex libris* pertencentes a ilustres brasileiros, objetivando informar a época, a história, as técnicas de impressão utilizadas, a classificação, os artistas e gravadores, e curiosidades, entre outras informações;
- contribuir à literatura, ainda incipiente, sobre a nova arte gráfica: o *ex webis*.

4 Metodologia

Natureza da pesquisa: Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa histórica e descritiva, com base em revisão de literatura selecionada e portais da web.

Objeto da pesquisa: o *Ex libris*, como característica identificadora, histórica, artística e gráfica presente em livros e outros registros do pensamento.

5 Descrição e análise

Com base na metodologia adotada, a descrição de dados é apresentada a seguir sob a forma de uma revisão de literatura, contendo os seguintes tópicos: conceituação; classificações; trajetória histórica; técnicas de impressão; análise de importantes *ex libris* brasileiros, e panorama atual. Esses tópicos serão apresentados também a partir dos dois tipos de fontes consultadas: impressas e eletrônicas.

A literatura pesquisada permite a descrição e a análise dos tópicos estabelecidos acima como elementos identificadores e caracterizadores da temática do *ex libris*, iniciando-se essa descrição pelos aspectos conceituais do objeto da pesquisa.

6 *Ex libris*: conceituação

6.1 Significação

Expressão proveniente da etimologia latina, “*ex libris*” significa, em língua portuguesa, “*dos livros de*”, “*da biblioteca de*” ou ainda “*livros dentre aqueles*”. Historicamente, originou-se das expressões “*ex biblioteca*” ou “*ex dono*”. Entretanto, popularizou-se como “*ex libris*”, termo conhecido e utilizado até hoje.

Composta da preposição “*ex*” que tem como significado “origem” ou “*vindo de...*”, juntamente com o ablativo plural do nome neutro “*líber*”, “*libri*”, significando “*dos livros de...*”, “*proveniente dos livros de...*”, conseqüentemente ampliando-se para “*da biblioteca de...*” (OLIVEIRA, 1992).

Considerado uma arte gráfica, como selo, cartões postais, entre outros, o *ex libris* corresponde a uma etiqueta impressa, gravada ou estampada em papel comumente localizada na primeira página interior da encadernação, podendo ainda ser colocada em outras partes do documento, por exemplo, em uma das suas folhas de guarda.

Dentre inúmeras definições dadas ao *ex libris*, destaca-se a do *Dicionário Portugal*: (apud ESTEVES, 1956, p.30)

“Por estas duas palavras latinas se designam certas vinhetas, etiquetas, com um nome, iniciais ou monograma, usadas por alguns bibliófilos, nos livros que possuem e as quais são, em geral, colocadas na guarda interior do volume, isto é, no verso da pasta da frente. Consistem num pedaço de pele, ou mais vulgarmente de papel, tendo impresso o nome do possuidor do livro, acompanhado, muitas vezes, do seu braço, de uma divisa ou de quaisquer ornamentos”.

Já para o português Armando de Mattos, tal como citado no portal *Ex libris portuguesas*, essas marcas bibliográficas tem como significado:

“Ex-Libris é um indicativo de propriedade, uma marca de posse bibliográfica, que vai desde o nome do possuidor, manuscrito na capa, na folha-de-guarda ou primeiras folhas do volume, até folha solta de

papel, pano ou pele, de mais ou menos reduzidas dimensões, onde estão manuscritos ou impressos desenhos ou dizeres e que aparecem apostos geralmente no ante rosto do volume encadernado ou brochado (quando não é intercalado na encadernação, antes da primeira folha); abrangendo ainda desenhos e dizeres gravados a ouro ou a seco, nas pastas e lombadas das encadernações, ou pintados em pele ou marfim, ou ainda abertos a buril em chapas de metal, e que são apostos na parte anterior do volume, nos locais indicados.”

Outra definição que não poderia deixar de mencionar é a de Dorothée de Bruchard: (MARTINS FILHO, 2008, p.11)

“O Ex-libris, sabe-se, é a etiqueta, colada geralmente nas primeiras folhas de um livro ou na contracapa, contendo o nome ou as iniciais do proprietário e podendo, através de uma imagem ou texto, indicar sua profissão, seus gostos, seu ideário, ou até (nem sempre) discreto lembrete a eventual sursurpiador da obra.”

Ex libris é um termo que pode ser associado a várias palavras ou expressões tais como: “brasões do espírito”, “requinte bibliográfico” “emblema”, “selo”, “etiqueta”, “marca bibliográfica”, “pertence”, “sigla bibliotecária”, “vinheta”, “raridade bibliográfica”, “sigla livresca”, “arte-miniatura”, “iconografia livresca”, “marca de posse”, “logotipo”, entre outras. (BERTINAZZO, 1996)

Essa marca bibliográfica universalizou-se e foi incorporada a diversos outros idiomas. De acordo com Oliveira (1992), para a substituição do termo “*ex libris*”, foram criados os seguintes vocábulos especiais: os americanos e ingleses chamam de *bookplate*; os alemães, *mein buch* ou *buchzeichen*; os russos, *iz knig*; os holandeses, *boekmerken*.

6.2 Finalidade e importância

Ao longo da história, e principalmente a partir do Velho Mundo, a biblioteca foi associada a uma fonte de orgulho e uma chave para o poder. Os livros sempre foram acarinhados e zelosamente guardados pelos seus proprietários. Diante disso, fica claro o compreensível desejo de marcar sua posse de alguma maneira.

A criação do *ex libris* deu-se por conta da necessidade de identificar, individualizar e personalizar de uma forma artística e sofisticada os livros de uma biblioteca particular. “Esta ‘arte miniatura’ representa, por assim dizer, um título de propriedade” (BODMER, 2009). Com o intuito de indicar a posse dos livros, elaborou-se uma marca bibliográfica de valor artístico para assinalar a propriedade pessoal.

De acordo com Esteves (1956) o *ex libris* é um verdadeiro título de propriedade, pois basta o livro conter a marca do possuidor para garantir a sua posse, não podendo sob nenhuma circunstância ser contestada. Nem sempre é colocado o nome do proprietário, contudo, todos respeitam o seu direito de propriedade.

Até a criação dos *ex libris*, as páginas dos livros eram marcadas por torpes carimbos, de caráter pessoal e com assinaturas, geralmente, ilegíveis (OLIVEIRA, 1992, p.09).

Além disso, o *ex libris* substituiu uma maneira primitiva de marcação de posse, tal como: “este livro pertence a fulano” ou então, “este livro me pertence”. (ESTEVES, 1956, p.35)

Sabe-se que o livro é um objeto que tradicionalmente despertou bastante cobiça. Antigamente, nas bibliotecas onde os livros podiam ser consultados, estes ficavam presos às mesas com fortes correntes para evitar o furto. Não só as bibliotecas temiam o seu desaparecimento, mas todos aqueles que os possuíam. Com o objetivo de impedir o sumiço, o *ex libris* era utilizado como título de propriedade. Até então, a maneira (primitiva) de marcar posse era escrever ou assinar o nome do proprietário. (ESTEVES, 1956).

O *ex libris* também está ligado a manifestações de ordem estética, a sua imagem é capaz de revelar o lado psicológico de seu possuidor, denunciando gostos, grupo social, costumes e até mesmo a cultura.

Em seu estudo, Bertinazzo (1996) explica esse ponto claramente:

“O *ex libris* contribuiu para a formação de uma arte inimitável acompanhando as tendências artísticas de cada época. Ao mesmo tempo se prestava a identificar o livro e sintetizava as tendências intelectuais, morais, literárias, científicas, enfim, os traços culturais de seu tempo. (...) Traduzindo a personalidade de seu titular (ou utente), ele vale muito mais do que podemos imaginar à primeira vista pois constitui um emblema sintético da expressão psicológica individual, associado à concepção artística do desenhista que lhe dá forma, expressão e decoração artística. É um momento único de cooperação entre o artista criador e o bibliófilo que o inspirou...”

6.3 Escrita

Ao ler os documentos que tratam sobre o assunto “*ex libris*”, deparei-me com uma questão intrigante: ora a expressão mostra-se com hífen, ora não. Essa controvérsia aparece também nos próprios *ex libris*. Em alguns, a expressão contém o traço de união, ao passo que em outros, não. Para o melhor entendimento da questão, serão expostos, a seguir, alguns casos curiosos.

Na maioria dos casos, a expressão é escrita sem o hífen, por exemplo, nos títulos das duas mais renomadas revistas que tratam sobre o tema, a “*Archive de la Societé des Collectionneurs d’Ex libris et de Reliures Historiques*” e a “*Journal of the Ex libris Society*”. No *ex libris* manuscrito do Mendes de Aguiar, versado em latim, não aparece o hífen. Os mais famosos artistas austríacos e alemães, como: Alfred Cossman (o mais célebre de todos), Fran Von Bayros, A. Kunst, Bruno Lérout Max Klinger, Siegmund Lipinski, Leo Frank entre outros, também não o utilizam. (ESTEVEES, 1956)

O emprego desse sinal de pontuação na expressão latina é hodierno (e de acordo com a etimologia latina, graficamente errada, veremos a seguir). No livro “*Rare Book-plates*” (1894) do autor alemão, Frederick Warnecke, as palavras aparecem ligadas pelo sinal. Entretanto, em seu próprio *ex libris* a expressão não o apresenta. Célebres autores alemães e ingleses também fazem uso do sinal. (ESTEVEES, 1956).

Observe-se a seguir que, nos dois *ex libris* de Frederick Warnecke, denuncia-se essa contradição gráfica:

Consta o traço de união:



Figura 1 - Ex Libris de Alfred Cossman.

Fonte: ESTEVES, 1956, p. 87.

Não consta o traço de união:



Figura 2 Ex Libris de Alfred Cossman

Fonte: ESTEVES, 1956, p. 91.

Há quem escreva as palavras juntas, ao invés de duas palavras distintas, formando o vocábulo “exlibris”. É o caso do alsaciano Marcel Moeder, autor do livro “*L’ex-libris alsaciens dès origines a 1890*”. Na massa textual do livro, a expressão aparece como se fosse uma palavra só. Embora em seu frontispício, usa-se “ex-libris”, separado e com hífen. Nota-se também que no título é escrito dessa mesma forma. (ESTEVES, 1956)

Para solucionar toda essa confusa controvérsia, o professor carioca Carlos Pastorino, no “Boletim da Sociedade de Amadores Brasileiros de *Ex libris*” explica que entre os dois termos não se emprega o traço de união por serem duas palavras latinas diferentes: “ex” (de, dos) e “*libris*” (livros). Se o hífen existisse mudaria completamente o sentido da expressão, ao invés de: “dos livros de”, “da biblioteca de” alteraria para “não são mais livros”, semelhantemente a: “ex-alunos” “ex-namorada”, ou seja, “não mais aluno”, “não mais namorada”. Segundo Frieiro (1945), é de extrema importância atentar-se que, etimologicamente, o hífen não existe em latim.

Existem somente duas maneiras corretas para escrever a expressão: “ex *libris*”, sem hífen, seguindo a etimologia da língua latina ou com hífen e com acento gráfico no primeiro “i”, na língua portuguesa. Se escrita de outra forma, é considerado erro gráfico.

Para complementar essa questão, o Professor Doutor Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, tal como citado no portal *Ex libris Portugueses*, salienta:

“Conquanto se trate originariamente de uma expressão latina, a verdade é que essa expressão se aportuguesou, passou a ser palavra do nosso léxico e, como tal, não pode deixar de se regular pelas normas de acentuação gráfica que regem os vocábulos portugueses ... Tem de levar acento agudo na penúltima sílaba do segundo elemento, em virtude de este elemento ser paroxítono e terminar em *is*.”

6.4 Pronúncia

Quanto à questão da pronúncia, existe a dúvida: deve-se dizer “eis-libris” ou “ecss-libris”? O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, dá a palavra com

a pronúncia “eis–li–bris”. Semelhante à palavra “ex-professor” (eis-pro-fes-sor) e “ex-offício” (ei-zó-fi-ssi-ó). No *Dicionário* de Silva Bastos, registra-se da mesma forma. (FRIEIRO, 1945)

Entretanto, observa-se que os exemplos apresentados no parágrafo anterior, “ex-voto” e “ex-offício”, não possuem o mesmo valor morfológico da expressão *ex libris*. Enquanto o “ex” dos primeiros exemplos dá a idéia de “não mais” e passado, o “ex” da expressão “*ex libris*” trata-se de uma preposição. De acordo com a explicação apresentada no tópico referente à escrita: “Expressão proveniente da etimologia latina,” *ex libris*” significa, em língua portuguesa, “*dos livros de*”, “da biblioteca de” ou ainda “*livros dentre aqueles*”.

Para solucionar essa dúvida, perguntou-se ao Professor Tarcisio Zandonade do Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CiD) e estudioso da língua latina, qual a pronúncia correta da expressão *ex libris*. Tarcisio explicou que o “ex” do “*ex libris*”, consiste em uma preposição latina cuja pronúncia correta é “ecss”.

Portanto, neste trabalho, adotar-se-á a pronúncia “ecss-libris”, conforme explicação do professor Tarcisio.

6.5 Valor

Por ser tratado como uma obra de arte, o valor do *ex libris* é avaliado também de acordo com alguns critérios, tais como: renome e talento do desenhista, a composição da obra, harmonia cromática, qualidade do papel, técnicas de gravura utilizadas, por seu acabamento, entre outros.

O valor geralmente é maior quando se trata de uma rara cópia original do que os fabricados industrialmente ou produzidos em série. Entre os colecionadores, possuir algum *ex libris* que já pertenceu a célebres personalidades também faz com que o valor se torne ainda maior.

O *ex libris* por mais que seja uma bela obra de arte, podendo ser desenhado pelo mais renomado artista, se não apresentar a “marca do seu possuidor”, não será, de fato, um *ex libris*.

Para explicar com mais precisão essa questão, o cronista de arte do “*Jornal do Commercio*”, do Rio de Janeiro esclarece (ESTEVES, 1956, p. 114-115):

“Numerosos são os visitantes que apreciam os trabalhos expostos, salientando alguns, de muito boa técnica, aliada a uma parte artística apreciável. Outros, infelizmente, não correspondem às regras tradicionais do *ex libris*, pois se preocupam exclusivamente com a parte artística, sem que apareça um pensamento condizente com a história, a vida ou as atividades do proprietário.

(...) não basta ser alguém artista ou desenhista, para aventurar-se às cegas nesse gênero. Sendo ele, como é, de tradição multissecular, é mister um estudo aprofundado, talvez até longo, muita leitura de obras especializadas, e vasta cultura (...)

(...) o *ex libris* deve existir para ser usado como tal. Ou seja, para ser colado na capa interior dos livros de seu possuidor, para assinalar a posse. Fazer um *ex libris* apenas por entusiasmo, para expor, e não servir-se dele, não preenche suas finalidades artísticas essenciais. Passaria a ser um trabalho comum de desenho do qual se tira cópia (...) Mas que valor terá, numa coleção um *ex libris* que não é usado pelo próprio dono, e que, por conseguinte, não tem circulação em seu posto, mas fica circunscrito a ser guardado?”.

6.6 Estrutura

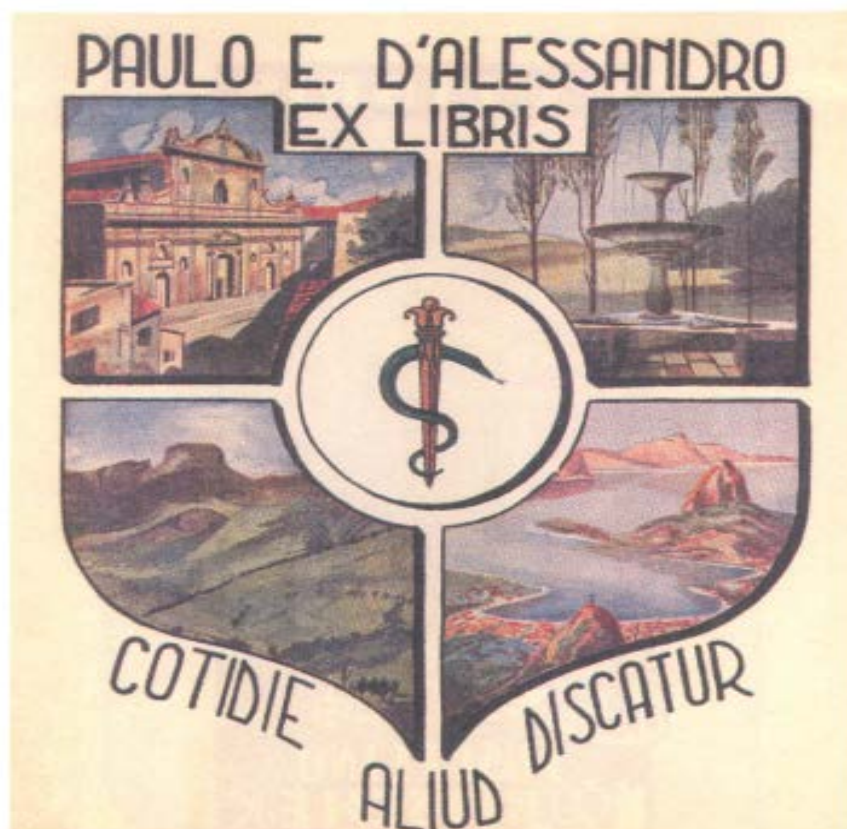
A estrutura de um *ex libris*, geralmente consiste em três partes:

- O nome de proprietário do livro;
- A divisa: frase ou lema que enuncia, manifesta ou traduz o sentido ideal do seu possuidor. Geralmente, escrita em latim, língua preferida para essas inscrições;
- Uma ilustração ou brasão: que concorde em sentido com a divisa.

De acordo com Francisco Peixoto Filho (1949), no “*Boletim da Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex-Libris*”, nº 3 de Janeiro de 1949, o *ex libris* “consta de alma e corpo, isto é, palavras, (alma) acompanhadas de figuras (corpo), completando-se, portanto”.

Com formas e dimensões variadas, normalmente não ultrapassa um quarto de página. Embora, tenha sido estabelecido que o tamanho ideal fosse em torno de 130 mm de altura ou largura.

Veja o *ex libris* a seguir, retirado do livro “*Ex-libris*”, de organização de Plínio Martins:



Ex-libris de Paulo E[mílio] D'Alessandro. Médico, político, jornalista e escritor, patrono da Academia Pindamonhagabense de Letras. Tinha grande amor pelo Rio de Janeiro e suas belezas. Divisa: *Todo dia se aprende algo.*

Figura 3 - Ex Libris de Paulo E. D'Alessandro

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 50.

7 Trajetória Histórica

Sabe-se que, em tempos remotos, o livro não possuía as mesmas características que possui nos dias atuais. Tanto a sua forma quanto sua estrutura é hodierna. Até a invenção da imprensa realizada por Gutenberg, em meados do século XV, os livros eram manuscritos pelos monges em mosteiros cistercienses e beneditinos. Para a produção de um único livro, requeria-se bastante tempo, além de consistir em uma árdua tarefa.

Um dos primeiros suportes a ser utilizado para a escrita era confeccionado a partir de papiro, planta encontrada às margens do Rio Nilo. Técnica desenvolvida pelos egípcios consistia na união de suas fibras em tiras que serviam como uma resistente superfície para a escrita hieroglífica. Seguindo o processo de evolução, surgiu o pergaminho, preparado a partir de peles de animais, processo esse bastante utilizado por causa da sua alta resistência.

Considerado o principal suporte para divulgação das informações e conhecimento humano, o papel utilizado hoje, teve origem na China, no final do século II. O processo consiste no cozer de fibras do líber (casca interior das árvores e arbustos) estendidas por martelos até formar uma fina camada de fibras. Depois, as fibras eram misturadas com água em uma caixa de até se transformarem numa pasta.

Acatados como veículos de conservação do conhecimento e da cultura, os livros eram considerados alguns dos objetos mais valiosos, enquanto que as bibliotecas eram associadas a poder.

Diante de tais fatos, é compreensível a necessidade dos possuidores dos objetos mais valorados e cobiçados da época em querer assinalá-los para possuir garantia de propriedade.

São inúmeras as especulações e discussões acerca da origem e surgimento do *Ex libris*. A primeira delas afirma que:

(...) o Ex-Libris mais antigo, reconhecido como autêntico, pertenceu ao alemão Johann Knabensberg, alcunhado 'Iglér' (ouriço). É uma rústica xilogravura e representa um ouriço com uma flor na boca, encimado por uma legenda inscrita em uma fita ondulada. Teria sido gravada em 1450, apenas dez anos após a invenção de Gutenberg. (OLIVEIRA, 1992, p.12)

Além de Oliveira, o estudioso de exlibrismo chamado Carlos Alberto Brantes (2009), também acredita que o alemão Johann Knabensberg tenha sido proprietário do primeiro *ex libris* existente.

Outra corrente afirma que o primeiro *ex libris* era gravado em madeira, representava um anjo segurando um brasão e colorido à mão, pertencido ao monge Hildebrand Brandenburg, de Biberach o qual doou seus livros ao monastério cartusiano de Bruxheim, em meados de 1480. Segundo Esteves (1956), essa opinião é defendida pelo alemão Frederick Warnecke, um dos mais célebres estudiosos do assunto.

Há quem diga que o mais antigo pertenceu ao rei da Boemia, do artista Geogis de Podebrady, falecido no ano de 1471.

Outros indicam que sua origem deu-se no Egito, no reinado do faraó Amenófis IV, 1400 A.C. Foi encontrada uma caixa de papiros cuja tampa possuía inscrições hieroglíficas. Alguns estudiosos afirmam que teve surgimento na Mesopotâmia, nas ruínas de Nínive, onde foram encontrados tijolos e placas que continham um repetitivo símbolo marcando todos eles. Teria pertencido à biblioteca de Assurbanipal. A última especulação refere-se a uma tabula existente na biblioteca do Vaticano, com a representação do imperador alemão Frederico I, Barba-Roxa, no ano 1188. (OLIVEIRA, 1992)

Tendo em vista os tópicos deste trabalho, referentes à significação e estrutura que definem o *ex libris* como uma “etiqueta colada geralmente nas primeiras folhas de um livro ou na contracapa, contendo o nome ou as iniciais do proprietário e podendo, através de uma imagem ou texto, indicar sua profissão, seus gostos, seu ideário” (BRUCHARD, 2008, p.11) este é geralmente estruturado em três partes (divisa, brasão e nome do possuidor). Partindo desse pressuposto, a lousa, o papiro, os tijolos, as placas ou muito menos a tabula, não serão tratados como *ex libris*. Logo, a origem do *ex libris* não aconteceu nos lugares acima referidos.

Portanto, neste trabalho, será considerado que o surgimento dos primeiros *ex libris* sucedeu-se na Alemanha, seja com o Johann Knabensberg ou com o monge Hildebrand Brandenburg, de Biberach.

Entre os séculos XV e XVII a maioria dos *ex libris* estava sob posse da nobreza, das bibliotecas ou de bibliófilos. Os desenhos dessas marcas abordavam

temas heráldicos, pois os brasões familiares eram de cunho individual, sendo assim facilmente reconhecidos, mesmo porque, naquela época a maioria da população era analfabeta. (DOROTHEE, apud MARTINS FILHO, 2008)

De acordo com Dorothée, o século XIII é considerado a idade de ouro dos *ex libris*, sobretudo na França. Todos que compunham a nobreza possuíam sua própria marca de posse. Nesta época produziam-se belíssimas obras, de fino acabamento, os artistas utilizam as mais variadas técnicas de impressão. Podiam ser denominadas como “arte em miniatura” por tamanha exuberância artística.

No século XIX, no período após a Revolução Francesa, inúmeras bibliotecas pertencentes à aristocracia passaram a ser da burguesia, tornando os *ex libris* mais populares. É nesse período que essa marca deixa de ser um mero objeto funcional, de interesse pessoal, tornando-o objeto de estudo. Na Alemanha, França e Inglaterra houve a criação de grupos de estudo, associações de colecionadores, instituições e sociedades interessadas na técnica do exlibrismo. Começaram a surgir também no final desse século, alguns trabalhos sobre o assunto, por exemplo, a publicação do artigo de Maurice Tournoux no “*Amateur d’ Autograpes*” no ano de 1872. (ESTEVES, 1956)

O primeiro livro sobre *ex libris* foi escrito em 1874 pelo francês A. Poulet-Malassis, tendo como título, “*Les ex-libris français: depuis leur origine jusqu’a nos jours*” editado por P. Rouquette de Paris. A primeira publicação inglesa é a obra “*A Guide to the study of Book plates*”, do autor John Byrne Leicester Warren, em 1880. Já na Alemanha, o primeiro livro foi “*Die deutschen Brucherzeichen Von ihrem Ursprung bis zur Gegenuart*” escrito em 1890 por Frederick Warnecke. (ESTEVES, 1956)

O século XX é marcado pelo enorme crescimento tanto de exposições, publicações e revistas específicas na área de exlibrismo, quanto na produção de *ex libris* devido à modernização e industrialização de técnicas de impressão. Ao longo do século proliferaram os *ex libris* fabricados em série. Por um lado é bom, pois pôde ser mais difundido e assim mais apreciado. Entretanto, perde-se o prestígio e a exclusividade de possuí-lo, podendo até mesmo associá-lo a um objeto banal.

7.1 Brasil

De acordo com a maioria dos pesquisadores e estudiosos sobre *exlibrismo*, tais como Manuel Esteves, Dorothée de Bruchard, Paulo Bodmer, há um consenso quanto à origem e a trajetória histórica do *ex libris* no Brasil.

Manuel de Abreu Guimaraens, provedor de Sabará, Minas Gerais, foi o primeiro brasileiro a marcar artisticamente as suas obras. Contratou o artista e padre José Joaquim Viégas de Menezes para a confecção de sua marca de posse, em meados de 1805. Para produzi-lo o padre utilizou-se da técnica de impressão a entalhe: a água forte e o buril, processos pouco conhecidos naquela época. A ilustração é de categoria simbólica, sendo composta por uma lira no centro e ao lado aparece um caduceu (insígnia de Mercúrio, o deus do comércio)

O primeiro a colecionar estas marcas de posse no Brasil foi o Barão de Rio Branco. Nascido no Rio de Janeiro em 1845 e lá falecido em 1912 possuiu um dos *ex libris* brasileiro mais antigo, cujo desenho, realizado pelo próprio, faz referência a pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro. Gravado, à água forte, pelo renomado artista francês Agry, responsável também pela confecção dos *ex libris* de vários outros brasileiros conhecidos como: Visconde e Viscondessa de Cavalcanti, Tristão da Cunha, Paulo de Almeida Prado, entre outros.

Ao tratar sobre *exlibrismo*, é impossível não associar ao nome de Manuel Esteves, figura ilustre, inclusive neste trabalho, (note-se que é um dos mais citados), autor do único livro brasileiro sobre o assunto, denominado “O *Ex libris*”. Além de participar da SABEL, Sociedade de Amadores Brasileiros de *Ex libris*, fazendo parte da sua Diretoria, tendo como cargo, 2º secretário. Também é integrante do Clube Internacional de *Ex libris*, sendo o Diretor de Permutas.

Inúmeros artistas brasileiros tiveram participação marcante na confecção de nobres *ex libris*, dentre eles estão: Corrêa Dias, criador de peças notáveis, Oswaldo Silva, mestre da xilogravura e Adalberto Mattos, profissional no estilo clássico. Entretanto, os que mais se destacaram foram os cariocas: Alberto Lima e Jorge de Oliveira.

Tendo desenhado mais de 700 exemplares de *Ex libris* para vários colecionadores, Alberto Lima (1891-1971) tornou-se o mais ilustre e renomado

artista brasileiro, adquirindo projeções mundiais. É de competência do artista ser Diretor- Presidente do Clube Internacional de *Ex libris*, De acordo com Jacinto Júnior (Diretor-Tesoureiro do mesmo Clube) Alberto Lima “considerado o maior animador do ex-librismo brasileiro e o mais ardoroso desenhista de ex-libris”. Afirmção encontrada na publicação referente à 1ª Exposição Sul - Brasileira d'*Ex libris*,

Quanto ao contemporâneo Jorge de Oliveira, nascido em 1936 na cidade de Valença e residente em Caçador, no Estado de Santa Catarina, este não é considerado um artista acadêmico, mas sim, desenhista autodidata e de bastante experiência. De acordo com Jacinto Júnior “cabe a Jorge de Oliveira (pelo menos por enquanto!), o segundo lugar, no Brasil, como compositor destes artísticos ‘pertencentes’”. Ou seja, sua produção é excedida apenas por Alberto Lima.

Logo abaixo, é mostrada a marca indicativa de propriedade pertencente ao artista, Alberto Lima, cujo desenho foi realizado por Homero Costa.



Figura 4 - Ex Libris de Alberto Lima
Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 142.

7.1.1 Sociedades

Em meados da metade do século XX, pessoas interessadas sobre *exlibrismo* começaram a se reunir, dando início ao surgimento das primeiras sociedades, associações e clubes interessados pelo assunto. Dentre estes grupos, destacam-se a SABEL, Sociedade de Amadores Brasileiros de *Ex libris*, o Clube Internacional de *Ex libris* e a Sociedade Paulista de *Ex libris* entre outras.

Fundada em 13 de Agosto de 1940, por iniciativa de Oldemar Alvernaz de Oliveira Cunha, Paulo José Pires Brandão, Clado Ribeiro Lessa e Clínio de Carvalho Costa, a SABEL foi criada com o objetivo de promover o gosto, o uso e de facilitar as trocas entre colecionadores. Por conta da sua criação, inúmeros bibliófilos, principiaram a utilização desta forma de marcar suas obras e conseqüentemente as coleções desenvolveram-se. (Oliveira Jorge, 1992).

Alceu de Campos Pupo e Olavo Dias da Silva motivados com a criação da sociedade da SABEL, fundam em 1944 a Sociedade Paulista de *Ex libris*. Utilizam-se do mesmo objetivo da carioca: incentivar e divulgar a utilização de tais marcas e seu colecionismo, contudo, em São Paulo.

Já o Clube Internacional de *Ex libris*. foi instituído em 04 de Maio de 1949, também na cidade do Rio de Janeiro. Promoveu no Teatro Municipal, em agosto do mesmo ano, a 1ª Exposição Municipal de *Ex libris* com o incentivo da Secretaria Geral de Educação e Cultura.

A seguir, expõe-se a marca bibliográfica utilizada pela Sociedade de Amadores Brasileiros de *Ex libris*, a SABEL.



Figura 5 - Ex Libris da S.A.B.E.L.

Fonte: Boletim da SABEL, 1949, p.13.

Desenhada por Alberto Lima, datada no ano de 1947, a ilustração representa a imagem do Pão de Açúcar, a que se sobrepõe o Cruzeiro do Sul, homenagem ao Rio de Janeiro, sede da SABEL. Para a confecção do *ex libris*, utilizou-se da técnica de impressão denominada, Zincogravura (que será explicada no próximo tópico)

7.1.2 Coleções

Uma das principais coleções brasileiras de *ex libris* encontra-se na Seção de Obras Raras da Biblioteca da Universidade de Brasília. Composta de aproximadamente 2000 exemplares, sendo de maioria brasileira. A coleção da BCE foi atribuída a Homero Pires e Agrippino Grieco.

A Biblioteca Nacional, localizada no Rio de Janeiro, também possui uma riquíssima coleção de tais marcas bibliográficas. Incluem-se variedades de *ex libris* tanto brasileiros quanto estrangeiros. Inclusive, a BN tem em seu poder o único exemplar do primeiro *ex libris* brasileiro, pertencente ao comerciante Manuel de Abreu Guimaraens, datado no ano de 1805.

Encontra-se disponível na Internet, o Catálogo de *Ex libris* Brasileiros, publicado em 1995 pelo médico e colecionador Paulo Berger. Após pesquisas realizadas em revistas especializadas, catálogos e coleções particulares, relacionaram-se 2660 em 76 páginas de *ex libris* nacionais. Em outubro de 2002, Berger lançou a 2ª edição do catálogo com aproximadamente 5000 *ex libris* relacionados em 150 páginas.

Faz-se necessário citar a magnífica coleção da Livraria Sereia pertencente ao livreiro e colecionador de *ex libris*, José Luis Garaldi, que de cuja coleção foram selecionados aproximadamente 160 *ex libris*, adotando-se os critérios: os mais antigos e raros, os que pertenceram a personalidades brasileiras e por apresentarem alguma curiosidade na ilustração ou na divisa. Com essa seleção, originou-se a publicação “*Ex-Libris*” organizada por Plínio Martins Filho, obra essa que serviu de principal fonte bibliográfica para os exemplos mostrados neste trabalho.

8 Técnicas de gravura

Para a confecção de um *ex libris* é imprescindível passar por algumas etapas, entre elas: a imaginação; é preferível que tenha sido elaborado pelo próprio dono da marca bibliográfica, que não deverá deixar tudo a cargo do artista. Após imaginá-lo, deve-se escolher a pessoa que irá reproduzir o que já foi pensado; essa é a etapa do desenho. E por fim, este trabalho artístico deverá ser representado através de alguma técnica de gravura.

Antes de se proceder a discussão sobre “técnicas de gravura”, torna-se necessário esclarecer um ponto importante referente à própria razão de se gravar alguma coisa. Por que gravar? Embora já se tenha falado sobre a importância de marcar as obras, parece interessante e referênciá-la a uma passagem do livro “Introdução à gravura e a história da xilografia” de Antonio Costella [19--?].

“Embora tão numerosos os sentidos do verbete, nota-se que em todos eles se repete uma essência comum: a idéia de fazer durar alguma informação. Gravar é fazer permanecer para o futuro um significado. Seu sinônimo mais abrangente talvez seja marcar. Gravar é deixar uma marca. E, quem marca, marca para algum fim, com um objetivo. O objetivo é transmitir uma informação, é comunicar alguma coisa. Logo, gravar é fazer uma marca para comunicar algo”.

Neste trecho observa-se que há uma demasiada semelhança com o que já foi exposto no item 1.2. Tendo em vista que, “gravar é fazer uma marca para comunicar ‘algo’ ”. Conforme o assunto abordado neste trabalho, esse “algo” poderia ser substituído, sem alteração do sentido original do período, por: Gravar é fazer uma marca para comunicar que esse livro pertence a alguém. Sendo que, esse “alguém” será revelado através da composição (nome do proprietário, ilustração e divisa) do *ex libris*.

Após essa interrupção, que pareceu oportuna, dar-se-á continuidade ao assunto do tópico.

A gravação/impressão do desenho é realizada através das chamadas técnicas de gravura, As quais podem ser divididas em:

- Impressão a seco, isto é, sem a utilização de tinta. Destacam-se as seguintes modalidades:
 - Cunhagem;
 - Timbragem;
 - Gofragem.

Essa técnica de gravura, embora empregada na fabricação de outras artes gráficas, não será detalhada por não ser utilizada na impressão de *ex libris*.

- Impressão com tinta: faz-se uso da tinta para a impressão de gravuras. Divide-se em quatro técnicas:
 - Impressão em relevo;
 - Impressão a entalhe;
 - Impressão plana;
 - Impressão por permeação.

8.1 Impressão em relevo

A impressão em relevo consiste, segundo Costella [19--?], na “transferência de uma imagem da superfície saliente e entintada de matriz a um suporte” Sendo que, esse suporte pode ser tanto em papel quanto em qualquer outro conveniente.

A criação da matriz em relevo faz com que o gravador abra sulcos, entalhe zonas, rebaixe partes. Para dessa forma, extrair porções do material. Por conta deste trabalho será obtida uma imagem definida pelas partes intocadas, só as partes que permaneceram com a com a altura original da peça, as que não foram tocadas, receberão tinta que será transferida para o papel. (COSTELLA, 19--?)

Dentre as inúmeras técnicas de impressão em relevo, destacam-se: a xilografia, linografia, estereotipia, galvanotipia e a fotografação. Dar-se-á um maior enfoque à xilografia e à linografia por serem bastante utilizadas na produção dos *ex libris*.

A linografia é a impressão feita com o emprego de linólio, que consiste em um material plástico. Hodiernamente utilizam-se o PVC e a *plexiglass*. A impressão em relevo também é praticada com matrizes metálicas trabalhadas a punção, a buril e com ácidos.

A impressão mais usada e conhecida é a xilografia, proveniente da etimologia grega, “*xylon*” e “*graphein*”, que significam respectivamente, “madeira” e “escrever” com a adição do sufixo “ia”. (COSTELLA, 19--?)

Essa técnica consiste na maneira de escrever ou gravar fazendo o uso de matrizes de madeira. A partir de um pedaço de madeira, entalha-se um desenho, entinta-se a matriz para ser prensada sobre um papel. Semelhante a um carimbo, essa matriz possibilita a impressão do deste desenho, o resultado é chamado de xilogravura. (COSTELLA, 1987)

8.2 Impressão a entalhe

A impressão a entalhe consiste no processo semelhante ao de relevo. Ao invés do entintamento das partes salientes da peça, a tinta será depositada nos cortes e sulcos. Devido à pressão, a imagem se definirá a partir das partes cavadas. É o processo inverso da impressão em relevo. (COSTELLA, 1987)

Também denominada talho doce, a calcografia, palavra composta pelos termos gregos “*khalkós*” (cobre) e “*graphein*” (gravar), mais o sufixo “ia”. Além do cobre, essa técnica também utiliza outros metais. São dois os processos calcográficos: os químicos; água-forte e as águas-tintas. E os mecânicos; o buril, a ponta seca e a maneira negra.

O buril é um instrumento usado para trabalhar em madeira, cobre ou zinco. Mas “quando utilizado em metal, buril passa a ser, além de nome do instrumento, o nome do próprio tipo de gravura com ele produzida”. (COSTELLA, 19--?). A ponta seca, semelhante ao buril, é o nome do instrumento, mas também se usa para denominar o tipo de técnica.

Na maneira negra, a placa é preparada de modo que seja produzido um “negro chapado”. Por conta das depressões ocasionadas nesse processo, a tinta se acumulará apenas nas partes das depressões. (COSTELLA, 19--?)

Nos processos químicos compete aos ácidos fazer o trabalho de entalhe, por conta das propriedades corrosivas de certos líquidos quando aplicados sobre o metal.

Para se obter a técnica da água-tinta é necessário: passar verniz protetor em toda a chapa de cobre e com a ponta seca desenha-se sobre essa placa. Depois essa mesma placa é mergulhada no líquido corrosivo que atacará apenas as partes que não possuírem o verniz. (COSTELLA, 19?)

Já no processo de água-tinta, pulveriza-se a placa com uma resina que, quando aquecida, funde-se à superfície da placa. Posteriormente, ela é jogada no ácido e só as partes que estão cobertas com a resina são atacadas. (COSTELLA, 19--?)

8.3 Impressão plana

Na impressão plana tanto as partes “entintadas” quanto as “não entintadas” ficam no mesmo nível. A separação não é realizada através de sulcos ou depressões, como nas impressões anteriores. É obtida através de um fenômeno químico: a repulsão entre a gordura e a água. De acordo com Costella, (19??) o processo consiste em:

“O desenho é traçado com tinta gordurosa sobre pedra porosa apropriada (a pedra litográfica...) ou, mais recentemente, sobre prancha metálica de zinco. Em seguida molha-se com água toda a pedra. Repelida pela gordura a água se acumula nas partes sem tinta. Quando aplicada novamente a tinta que é gordurosa, as partes que contém água a repelem, fazendo-a ficar onde antes havia tinta e só ali. Ao imprimir-se uma tal matriz, transferir-se-á ao papel somente o desenho, isto é, a parte entintada. A zona dominada pela água preservará o branco do papel”

Essa técnica é o início da litografia, palavra etimologicamente advinda do grego “*lithos*” (pedra) “*graphien*” (escrever), mais o sufixo “ia”. Posteriormente, deu origem ao hodierno processo “off-set”.

A expressão “*off set*” (fora do lugar) é assim chamada por conta da impressão ser indireta: a tinta passa por um cilindro intermediário, antes de atingir a superfície. Com este processo é possível a impressão de grandes tiragens. No Brasil este método também é chamado de ofset.

8.4 Impressão por permeação

Denominado também por impressão a estampilha, neste processo a tinta atravessa a matriz e atinge o papel. A cor e o branco dividem-se através das diferentes permeabilidades (permeável e não permeável) das partes da matriz cuja construção dar-se-á por uma tela esticada em um bastidor ou por um chasis de madeira.

O processo é gerado através do desenho direto na tela ou sobre um material podendo, ser de plástico especial ou um papel fino. Coloca-se o suporte a ser impresso sobre a matriz, derramado e espalhando a tinta com um rodo, essa atividade fará com que a tinta atravesse somente as partes permeáveis, indo tingir o suporte.

Na serigrafia, a tela é feita de “serica” palavra proveniente do latim, significa “seda”, ou ainda, em inglês, “silk-screen” (tela de seda). Essa tela pode ser também confeccionada a partir de nylon, de poliéster, de organdi ou outros sintéticos.

Segue abaixo, uma parte do esquema geral, retirado da página 29 do livro “Introdução à gravura e história da xilografia” de Antonio Costella, que compila o que foi abordado ao longo do tópico acerca dos tipos de impressão.

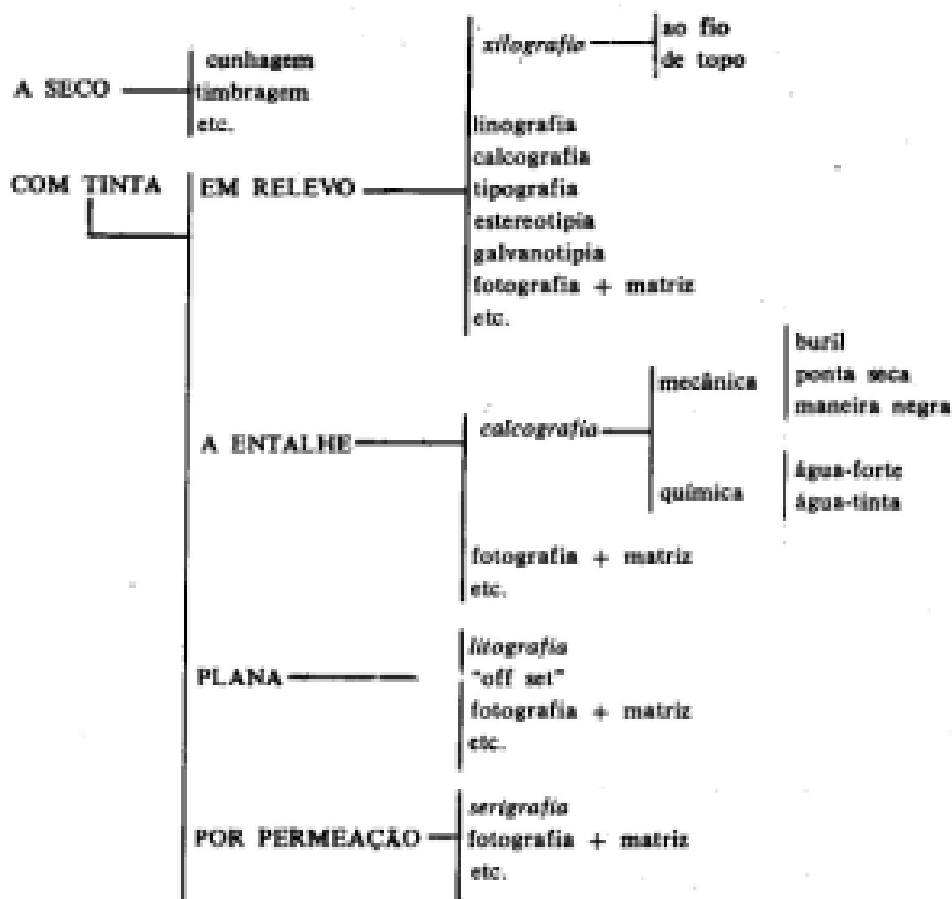


Figura 6 - Esquema das técnicas de impressão.

Fonte: COSTELLA, [19-?], p. 29.

9 Classificações

Há diversas formas de classificar os *ex libris*. Podem ser agrupados por terem composições semelhantes, pelo uso de técnicas de gravura equivalentes, por serem criados na mesma época, apresentarem significados de mesma analogia, por abordarem temas correlatos, entre outras formas de classificação.

Dentre as inúmeras maneiras de agrupamento existentes, escolheu-se discursar acerca de duas delas: quanto à tipologia adotada; e quanto aos temas abordados.

9.1 Quanto à tipologia

A seguir será apresentada uma classificação elaborada a partir das publicações: “1ª Exposição Sul - Brasileira d’*ex libris*,” de Jorge de Oliveira e “O *Ex-Libris*”, de Dorothée de Bruchard.

9.1.1 *Ex libris* Manuscritos

Anterior ao surgimento da imprensa, no século XV, utilizavam-se os *ex libris* manuscritos, uma forma tradicional de marcar os livros. Para isso, o proprietário escrevia ou desenhava nas primeiras páginas, como se observa no exemplo retirado da página 54 do livro de Manoel Esteves, o *ex libris* manuscrito do latinista brasileiro Mendes de Aguiar.

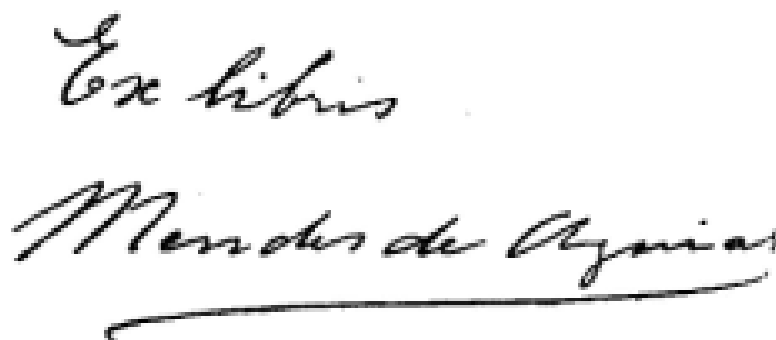


Figura 7 - Ex Libris de Mendes de Aguiar.

Fonte: ESTEVES, 1956, p. 54.

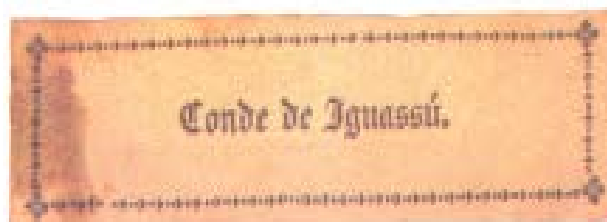
Podem ser manuscritos simples contendo a indicação do nome do possuidor, com ou sem endereço e data. Ou compostos, com legenda conceituosa, em prosa ou em verso, com ou sem desenho.

9.1.2 *Ex libris* Encadernados

Devido à invenção da imprensa ocorreram alterações na forma de indicação de propriedade. Como os escritos e as ilustrações não poderiam ser feitos diretamente nos manuscritos, os donos dos livros assinalavam depois da impressão, gravados ou impressos numa folha à parte, sendo inseridos na publicação no momento da encadernação. Eram espécies de *ex libris* fixos que faziam parte integrante do livro.

9.1.3 *Ex libris* Móveis

Comuns até hoje, são colados dentro da publicação, geralmente no verso ou no anverso das suas páginas iniciais. Denominadas etiquetas tipográficas, possuem o nome do possuidor às vezes acompanhado de uma data, desenho ou marca gráfica. A seguir será mostrado um exemplo de etiqueta tipográfica retirada do livro "*Ex-Libris*", organizado por Plínio Martins Filho.



Etiquetas tipográficas, formas mais simples
de indicar a posse de um livro.

Figura 8 - Etiquetas tipográficas do Conde de Iguassú e José Barboza

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 24.

Após a apresentação dessa forma de indicação de propriedade, faço minhas as palavras de Manuel Esteves:

“O *ex libris* que pode apresentar todos os requintes da arte de um Cossmann, poderá ser também uma simples e pobre etiquêta tipográfica que, de certo, não valorizará o livro a que estiver aposta” (ESTEVES, 1956, p.49)

“Como estamos falando da etiqueta que, digamos, não nos interessa como *ex libris*, pela sua pobreza e mau gosto de sempre,” (ESTEVES, 1956, p. 50).

9.1.4 *Ex libris* Gravados

Obtidos devido à modernização das técnicas de gravura, surgem os belíssimos *ex libris* gravados, os quais, neste trabalho, terão mais enfoque. Estes, de fato, são *ex libris* propriamente ditos. Possuem as características das definições mostradas no tópico 6.2 e possuem a estrutura abordada no tópico 6.4. Para exemplificar, apresenta-se um *ex libris* tirado do livro de Martins Filho.



Emil August Göldi (1859 - 1917). Pai do grande Goeldi e fundador do famoso museu em Belém do Pará. Desenho que incorpora elementos da fauna e flora amazônica, de Ernesto Lohse (P. Berger).

Figura 9 - Ex Libris de Emil August Göldi

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 79.

9.2 Quanto aos temas abordados

A maioria dos célebres e renomados estudiosos sobre exlibrismo apresenta em suas publicações, a seguinte classificação:

9.2.1 Etiquetas

Já tratadas no tópico anterior, correspondem à indicação do nome do possuidor, às vezes acompanhadas de uma data, desenho ou marca gráfica. Neste trabalho as etiquetas tipográficas são consideradas simples, pobres e de mau gosto, com isso não valorizando o volume.

9.2.2 *Ex libris* Heráldicos ou Armoriados

Fazem parte desta classe os *ex libris* que tem como desenho principal brasões, armas, emblemas, títulos ou insígnias de indivíduos e famílias. Exemplo:



Ex-libris de Pedro da Veiga Ornellas. Provavelmente advogado, curioso brasão de família com sereias. Desenho de Jenny Dreyfus (P. Berger). Zinco gravura.

Figura 10 - Ex Libris de Pedro da Veiga Ornellas

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 38.

9.2.3 *Ex libris* Simbólicos

Consiste no grupo de *ex libris* que traz ilustrações que manifestam idéias, aspirações, lemas de vida e de ação, ocupações habituais e que simbolizam gostos pessoais.



Elvino Pocar (1882 – sr, 1956). Grande tipógrafo e impressor italiano radicado em São Paulo. Os livros editados por ele têm características diferenciadas tanto no papel empregado como no uso dos tipos. Desenho de Adolfo Köhler (P. Berger). Divisa: *Nemum dia sem uma linha*.

Figura 11 - Ex Libris de Elvino Pocar
Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 163.

9.2.4 *Ex libris* Paisagísticos

São *ex libris* que reproduzem cenas, sejam urbanas, rurais, marinhas, entre outras que estejam associadas ao proprietário da obra.



Ex-libris de Jayme Luiz Smith de Vasconcellos (RJ, 1884 – 1933). Colecionador de obras de arte. Avô da ex-prefeita de São Paulo, Marta Suplicy. Desenho de F.J. Junod (P. Berger). Zinco gravura, 1912 (O.G.T.).

Figura 12 - Ex Libris de Jayme Luiz Smith de Vasconcellos

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 57.

9.2.5 Ex libris Mistos

Os *ex libris* enquadrados neste grupo pertencem a mais de uma categoria. O exemplo a seguir é composto de características tanto do simbólico, por apresentar o tema ligado à religião quanto paisagístico, pois retrata uma cena que está associada ao proprietário, no caso, a montanha.



L. G. Cúrio, aqui abordando o tema religião.
Desenho de Alberto Lima, 1952.

Figura 13 - Ex Libris de Luiz G. Cúrio
Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 66.

“Os *ex libris* pertencentes às duas primeiras classes são os mais antigos(...). Os das suas últimas entraram em voga a partir do século XVIII na França, estendendo-se rapidamente seu uso pelos demais países da Europa. Os das categorias anteriores continuaram, contudo, com a primazia até o século XIX.” (LESSA, 1942)

Sabe-se que os *ex libris* estão ligados a manifestações de ordem estética e que sua imagem é capaz de revelar o lado psicológico de seu proprietário,

denunciando gostos, grupo social, costumes e a cultura. Diante da imensidão de formas com que esses elementos podem ser retratados e dispostos, observa-se que as cinco categorias definidas acima não satisfazem a ilimitada extensão de assuntos abordados por essas marcas bibliográficas.

Portanto, tornou-se necessário atribuir algumas categorias à classificação em vigor, com a finalidade de complementá-la. Para isso, foram utilizadas as obras de Plínio Martins Filho, Jorge de Oliveira, Manuel Esteves, Dorothée de Bruchard e por fim, mas não menos importante, informações foram retiradas do *site* do museu de *Ex libris*. Foram incorporadas as seguintes categorias: *ex libris* macabros; humorísticos; infantis; livrescos, femininos; faunísticos; profissionais; eróticos e surrealistas.

9.2.6 *Ex libris* Macabros

De acordo com Esteves (1956) independente da época, o cômico e o macabro sempre “andaram” lado a lado. Tanto é que, dificilmente será possível indicar onde começa um e termina o outro, exemplo para essa situação, se encontra no livro de Martins Filho, onde os *ex libris* destes dois grupos não são separados, ou melhor, há apenas uma categoria para os *ex libris* de ambas as naturezas, denominada Humorísticos. O riso sarcástico, seja da classe nobre ou mesmo da plebe, referia-se desde o desrespeito com os defeitos alheios até com os momentos mais graves da vida.

A morte, principal e preferido assunto, é abordada com um tom de desacato e comicidade. Hábeis artistas apresentam-na, por incrível que pareça, de forma menos apavorante, fazendo-a até mesmo parecer sedutora. Em algumas obras, a morte se revela implicitamente ao fundo da tela, nos bailes se apresenta fazendo passos de dança e usando máscaras. Hodiernamente, utiliza-se da expressão “humor negro” para denotar situações de semelhante natureza.

Embora seja considerada uma arte séria, o *ex libris* não ficou livre dessa sinistra tendência. São inúmeros os exemplos, dentre eles estão o *ex libris* manuscritos pertencentes ao etnólogo e folclorista português Leite de Vasconcelos

e do Dr. Friedrich Baldi, retirado do livro de Esteves (1956), respectivamente:

“Quem o achar (o livro)
lh’o torne a dar,
senão aos infernos irá parar
com as pernas para o ar”.



Figura 14 - Ex Libris de Friedrich Baldi

Fonte: ESTEVES, 1956, p. 69.

Há também quem utilize o *ex libris* para avisar ou advertir àqueles que possuem o costume de subtrair ou pedir emprestados livros alheios e não os devolver. Este é o caso de Antônio Natário:

“Se êste livro se perder
fiquem sabendo que é meu;
ninguém queira em seu poder
aquilo que não é seu”.

Observa-se também semelhante caso em outro exemplo abaixo. Retirado do *ex libris* português pertencente à coleção de Manuel Esteves:

“Pedir um livro emprestado
é falta de cortezia,
Quem pede é mal olhado,
Quem o empresta arrelia”.

Ao tratar do assunto *empréstimo de livro*, é inevitável lembrar-se de um trecho do livro “Os livros nossos amigos” de Eduardo Frieiro, datado no ano de 1945, que aborda um ponto bastante interessante e pouco discutido na literatura e até mesmo em nosso cotidiano.

É de admirar a intrepidez do autor ao discorrer e tratar com naturalidade e franqueza sobre um tema considerado deveras delicado. Tendo em vista que, a maioria das pessoas também pensa de forma semelhante e não tem coragem de admitir, geralmente por vergonha, receio ou constrangimento. Pensa-se deste modo não só com os livros, mas também com outros objetos valiosos ou cobiçados. (FRIEIRO, 1945, p.107)

“Não emprestes livro! Aconselham todos os bibliófilos. Evita a raça detestável dos filantes de livros! Foge dos que têm o péssimo costume de os pedir emprestados! Livro emprestado é livro perdido ou estragado. Se vai, é quase certo que não volte. Se volta, caso raro, é para chegar-nos em petição de miséria.”

No livro de Frieiro (1945, p.108) há uma passagem do doutor filólogo J. Leite de Vasconcelos que sabiamente complementa o pensamento acima:

“Só com grande circunspeção se podem emprestar livros, porque é frequentíssimo que quem os toma de empréstimo:

- 1) ou os demore,
- 2) ou os estrague,
- 3) ou os demore ou estrague,
- 4) ou os não restitua.

O que tudo tem sucedido comigo”.

9.2.7 Ex libris Humorísticos

Abordam assuntos do cotidiano de uma forma descontraída. Ligados aos *ex libris* da classe “macabros”, por conta da utilização do humor negro. Abaixo, segue o exemplo do artista chamado, S.Tyukanov retirado da galeria encontrada no site “Ex libris Museum”.

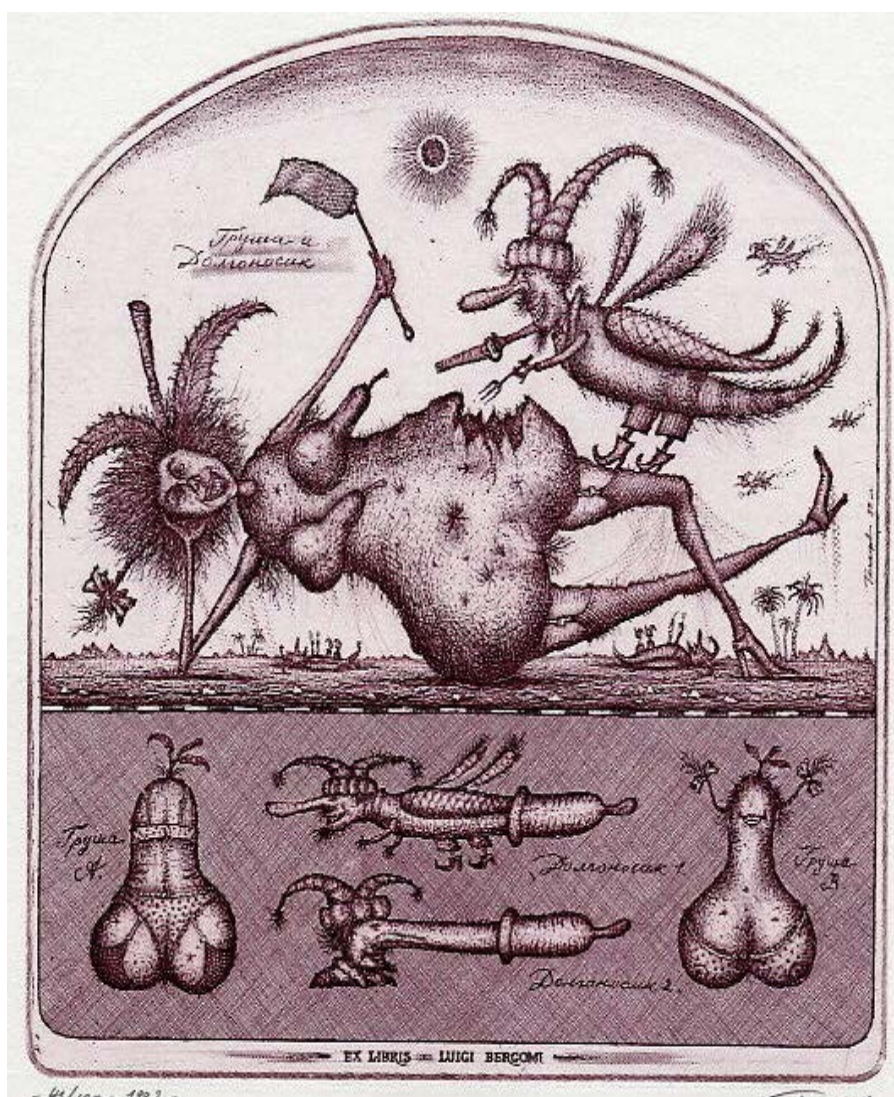
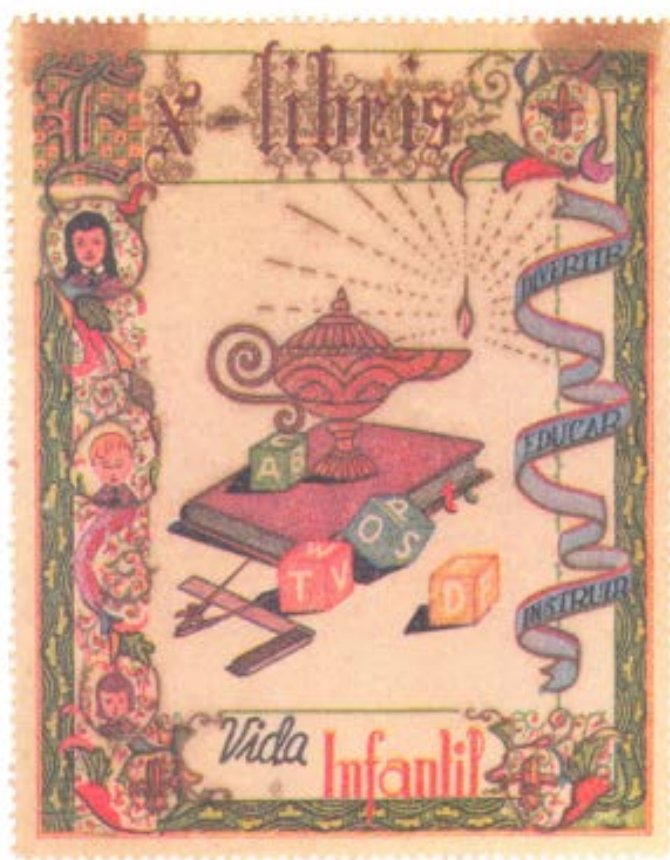


Figura 15 - Ex Libris de S. Tyukanov

Fonte: Ex libris Museum.

9.2.8 *Ex libris* Infantis

São os *ex libris* que trazem imagens associadas à infância e a atividades lúdicas, retratam brincadeiras, mensagens educativas e instrutivas, meninos e meninas, anjinhos, brinquedos, entre outros. Alguns são desenhados da mesma maneira com que as crianças desenhavam. Características essas observadas na marca bibliográfica abaixo:



Dois exemplos de ex-libris para criança. Desenho de Joselito (P. Berger).
Lema: *Divertir. Educar. Instruir.*

Figura 16 - Ex Libris de Joselito
Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 152.

9.2.9 *Ex libris* Livrescos

Quando o elemento essencial consiste em ilustrações de livros ou objetos ligados a eles, desde óculos, canetas de pena e prateleiras com livros. Notam-se esses elementos no seguinte *ex libris*:



Ex-libris de Marina Quinteiro Esteves. Desenho de Lancetta (P. Berger).

Figura 17 - Ex Libris de Marina Quinteiro Esteves

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 93.

9.2.10 *Ex libris* Femininos

São denominados *ex libris* femininos quando o foco da ilustração é composto de figuras do sexo feminino, desde egípcias, gregas entre outras nacionalidades, personalidades, estátuas. Muitas vezes também, estão relacionados aos *ex libris* eróticos.



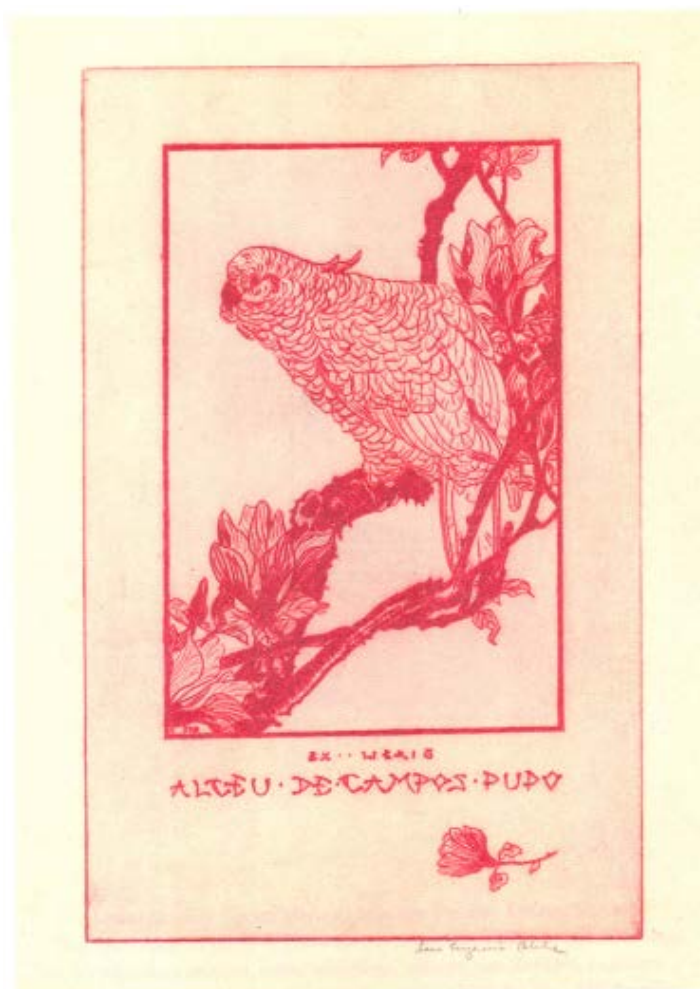
Ex-libris de Luella de Vasconcellos. Da família Smith de Vasconcellos, todos colecionadores de livros e antiguidades. Desenho delicado, criado por ela mesma (P. Berger).

Figura 18 - Ex Libris de Luella de Vasconcellos

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 116.

9.2.11 *Ex libris* Faunísticos

A característica marcante desta categoria consiste em possuir gravuras que retratam animais, seus habitats ou algo relacionado aos bichos, como é mostrado a seguir:



Alceu de Campos Pupo, Gravura em metal de Luiz Eugenio Blahe[?] (P. Berger).

Figura 19 - Ex Libris de Alceu de Campos Pupo

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 105.

9.2.12 *Ex libris* Profissionais

Apresentam em suas gravuras objetos que simbolizam uma profissão ou ocupação. Geralmente retratam a do próprio possuidor da marca de posse, como meio de personalização. Elementos esses que podem ser observados no exemplo seguinte:



Ex-libris de Abrahão Carvalho, provavelmente músico.
Desenho de José Heitgen, 1948.

Figura 20 - Ex Libris de Abrahão Carvalho
Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 146.

9.2.13 *Ex libris* Eróticos

Após séculos de repressão, hodiernas e revolucionárias idéias de pensadores como Freud, abordando temas sobre inconsciente, repressão e sexualidade; e de Reich, que trata a repressão como instrumento de domínio utilizado pela classe dominante sob a sociedade, ambos os pensamentos contribuíram para a chamada Revolução Sexual.

A formulação de tais idéias teve como objetivo eliminar e diminuir a repressão sexual, conseqüentemente, aspirando-se a uma maior liberdade sexual. Esta revolução provocou mudanças no comportamento da sociedade, influenciou vários aspectos, entre eles, moda, música, artes, cinema, literatura.

São inúmeras as discussões que tratam sobre o imenso interesse acerca do erotismo. Para Lou Andréas-Salomé [19--?], a base do erotismo está na sexualidade a qual deve ser analisada sob o ponto de vista fisiológico. A sexualidade é tratada como uma das necessidades físicas, tal como a fome, respiração e a sede.

Por serem considerados uma arte gráfica, os *ex libris* retratam os costumes e as características de uma sociedade, descrevem e abordam diversos temas de nossa realidade, simbolizam estados de consciência humana, como a percepção, emoção e razão, seguem tendências da época, entre outros. Diante de tais afirmações, o *ex libris* também tratará de um dos assuntos mais discutidos, o erotismo.

No exemplo a seguir, será mostrado um *ex libris* de cunho erótico, do artista Peter Melan, retirado de uma galeria disponível em meio eletrônico, denominada “*Ex libris* museum”. Encontraram-se poucos registros sobre o referido artista; sua nacionalidade, suas preferências, estilos artísticos e o ano são desconhecidos.

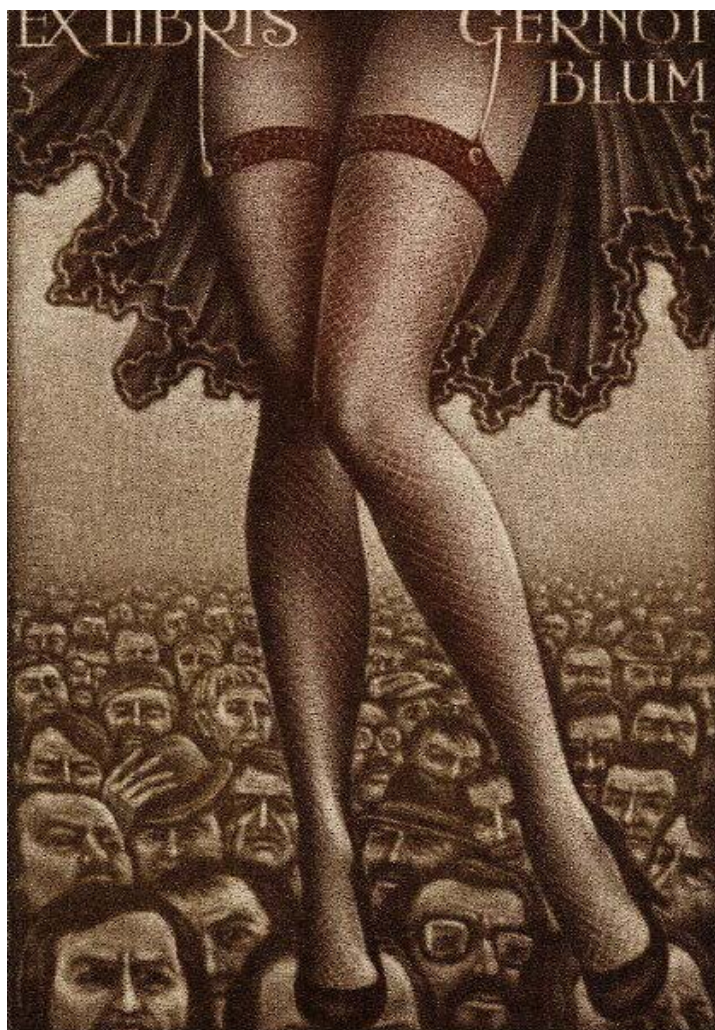


Figura 21 - Ex Libris de Gernot Blum

Fonte: Ex libris museum.

Ao analisar outros *ex libris* de mesma categoria, é notório observar que em muitos casos, os artistas abusam do erotismo e da sexualidade na elaboração de suas ilustrações. Ou seja, ao invés da marca expor imagens utilizando elementos eróticos, mas mesmo assim ser considerada artisticamente bela e refinada, algumas delas expõem desenhos extremamente vulgares, que associados à pornografia, causam até certo sentimento de desconforto.

9.2.14 *Ex libris* Surrealistas

Movimento literário e artístico, o Surrealismo teve surgimento primariamente na França, com a publicação do *Primeiro Manifesto do Surrealismo*, lançado por André Breton, no ano de 1924. Neste documento é proposta a seguinte definição:

“Automatismo psíquico puro, pelo qual se pretende exprimir, verbalmente ou por escrito, ou de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento na ausência de qualquer vigilância exercida pela razão, para além de qualquer preocupação estética ou moral” (BRETON, 1924, p.47)

O objetivo deste movimento consiste em provocar sensações, explorar o inconsciente para a obtenção do conhecimento do homem real, romper com o racionalismo que limitava a liberdade que atrofiava a imaginação, conseqüentemente, provocando uma crise de consciência de caráter grave e geral. (Mourão, 1981)

Sob o aspecto intelectual e moral o surrealismo “pretende demonstrar, e tornar conhecida, a falsidade das antigas antinomias destinadas, hipocritamente, a evitar por parte do homem, qualquer reação à opressão universal”. (MOURÃO, 1981, p.12)

Do ponto de vista político o surrealismo surgiu com o intuito de transformar a sociedade e criticar os ideais do capitalismo. Utilizou-se do pensamento do Partido Comunista como um meio para executar tal transformação.

São finalidades do movimento, utilizar-se da livre expressão e do automatismo, causando uma evasão de imagens oníricas emergentes do subconsciente através da associação de idéias. Características essas, usadas sob o ponto de vista artístico e literário.

Quanto ao aspecto psicanalítico, o surrealismo utilizou idéias de Freud, chamado processo de psicanálise, voltado para a libertação do homem, ou seja, livrá-lo das pressões exercidas pela lógica, religião, costume, entre outros. Tal processo tem como funcionamento, captar as imagens exploradas do subconsciente pela livre associação de idéias, pela leitura de mensagens simbólicas decorrente da interpretação dos sonhos.

O surrealismo faz uso de inúmeras técnicas que visam afastar o homem civilizado, fazendo-o aproximar do homem primitivo, a fim de torná-lo livre. Dentre essas técnicas, estão: o sonho, o automatismo, o humor; a loucura premeditada, os objetos surrealistas e a introdução de novas técnicas.

Quanto ao sonho e o automatismo, Mourão (1981, p.28) explica que “no estado de sonho o inconsciente se manifesta de maneira espontânea, e pelo relaxamento da atividade de controle, a escrita automática pode transcrever suas mensagens.”

Semelhante às características do *ex libris* macabro, o surrealismo reage com o cômico e com o ridículo. Utiliza-se também do humor para criticar as mesquinharias existentes no mundo, desprezar as conveniências sociais, libertar da realidade. “O humor é expressão de uma revolta, é uma atitude moral. É a necessidade de ultrapassar-se, transformar-se, aniquilar-se, por uma negação substancial.” (MOURÃO, 1981, p.30)

Uma obra surrealista não é composta de forma, mas sim de conteúdo. É necessário que o artista esteja em constante alerta para não transformar uma mensagem inconsciente em estética. As novas técnicas que o surrealismo propõem tem com base o anti-estético. Exemplo de uma técnica nova, é a criação do método paranóico-crítico, de Salvador Dalí.

“Método experimental baseado no poder repentino das associações sistemáticas, próprias da paranóia; este método se converteria na síntese delirante-crítica chamada ‘atividade paranóica-crítica’, que está apta a interpretar os fenômenos delirantes. Intervém unicamente como líquido revelador das imagens, associações, coerências e sutilezas sistemáticas, graves e já existentes no momento em que se produz a instantaneidade delirante e que ilumina objetivamente a atividade paranóica-crítica. Esta é uma força organizadora e produtora de acaso objetivo. Não considera os fenômenos e imagens surrealistas isoladamente, mas num conjunto coerente de relações sistemáticas e significativas” (MOURÃO, p.37)

De acordo com o que foi abordado neste tópico, observa-se o emprego de tais características surrealistas presentes em inúmeras marcas bibliográficas.

Diversos artistas utilizam elementos característicos do movimento citado. Dentre eles, o contemporâneo Edward Penkov, ilustrador do *ex libris* a seguir, cuja procedência pode ser verificada a partir de uma galeria disponível em meio eletrônico, denominada, “*Ex libris museum*”.

Encontraram-se poucos registros sobre o referido artista; sua nacionalidade, suas preferências, estilos artísticos e o ano do *ex libris* abaixo são desconhecidos. Entretanto, ao fazer uma correlação com as datas de outros *ex libris* de mesma autoria do artista, datados no ano de 2006 e 2007, infere-se que seus desenhos foram realizados em datas próximas.



Figura 22 - Ex Libris de Edwuard Penkov.

Fonte: Ex libris museum.

10 Interpretação e análise

Neste tópico serão apresentados e analisados alguns dos *ex libris* pertencentes a célebres e ilustres personalidades brasileiras. No processo de seleção, observou-se que, geralmente, quem os detinha atuava nas seguintes áreas: Política (advogados, senadores, ministros, diplomatas e deputados); Bibliofilia; Biblioteconomia (ou donos de bibliotecas); Livraria, História (pesquisador); Letras (romancistas, cronistas, literatos, contistas, jornalistas, críticos, biógrafos, poetas); Artes (desenhistas e artistas) e etc.

Entre os proprietários, muitos eram membros da Academia Brasileira de Letras. É perceptível que as referidas profissões e ocupações são ligadas a informação, livros e a cultura. Destacam-se ainda, outras duas características comuns entre os possuidores de tais marcas: são consideradas pessoas eruditas e instruídas e possuem status social (com a confecção do seu próprio *ex libris* a garantia deste status era ainda maior).

Em relação aos critérios escolhidos, optou-se por ter como base, os conteúdos abordados e discutidos em tópicos anteriores, com o objetivo de analisar e interpretar as marcas bibliográficas selecionadas. Tratar-se-á de assuntos como: classificação, estrutura, técnica de impressão utilizada, tipo de escrita, panorama histórico, curiosidades, entre outros.

O objetivo deste tópico consiste na aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos em tópicos anteriores, empregando-os na prática, de modo que fique mais simples compreender a mensagem que o artista quer transmitir ou retratar através de sua obra.

Para a concretização deste objetivo, faz-se necessário a utilização de fontes bibliográficas usadas nas citações e nos exemplos mostrados em tópicos já tratados, juntamente com as seguintes obras: “O bibliófilo aprendiz” de Rubens Borba e Moraes e “Biografias” volume publicado pelo o Ministério das Relações Exteriores, em 2009.

De acordo com esses critérios, são descritos abaixo alguns dos principais possuidores de ex-libris do Brasil.

10.1 *Ex libris* do Barão do Rio Branco



Figura 23 - Retrato do Barão do Rio Branco

Fonte: wikipédia.

José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, nasceu em 20 de Abril de 1845, no Rio de Janeiro, cidade onde faleceu no dia 10 de fevereiro de 1912. Filho de D. Teresa de Figueiredo Paranhos e José Maria da Silva Paranhos (o Visconde do Rio Branco, cujo *ex libris* será apresentado no tópico seguinte).

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Recife, bastante engajado na política: participou da Campanha abolicionista, foi o Ministro Plenipotenciário em Washington (1893-1895), Ministro em Paris (1896-1899), em Berne (1899-1901), Berlim (1901-1902) e Ministro de Governo de Estado em inúmeros governos. Possui também diversas atribuições, como: Presidente Perpétuo do Instituto Histórico Brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, Historiador (publicou numerosas obras) entre outras ocupações.

Glória da Diplomacia Brasileira, o Barão é considerado o maior Chanceler sul-americano. Além disso, é de sua competência ser o primeiro colecionador de *ex libris* no Brasil. Possui uma coleção riquíssima de “arte-miniatura”, localizada hoje no Palácio do Itamarati.

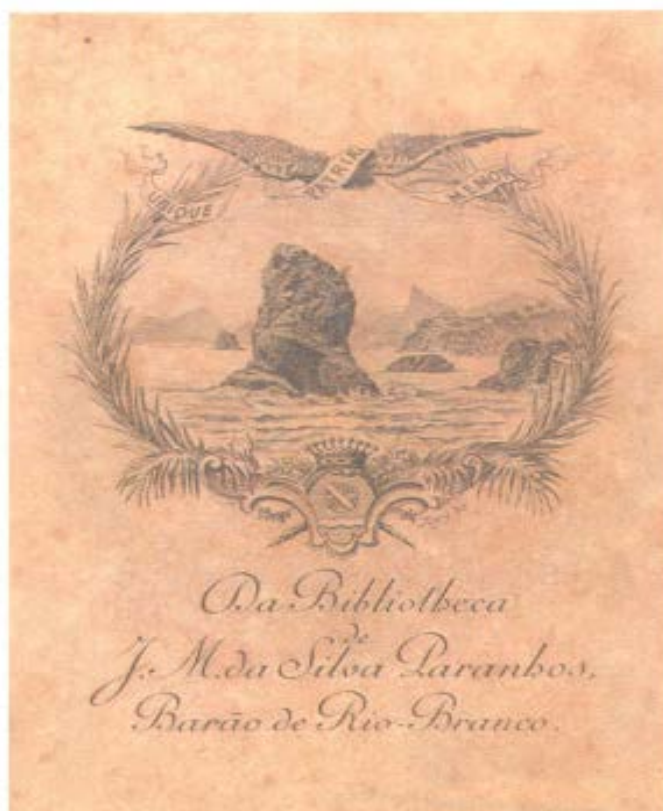


Figura 24 - Ex Libris de Barão do Rio Branco

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 53.

O *ex libris* do Barão é considerado um dos mais antigos no Brasil, desenhado por ele próprio e gravado, à água forte, pelo artista francês, Agry. Embora possua um brasão, é classificado na categoria Paisagístico, por apresentar ilustrações referentes à praia de Icaraí em Niterói e à pedra de Itapuca. O autor Manuel Esteves, (1956) o descreve:

“Um trecho da Bahia de Guanabara, tendo, em primeiro plano, a pedra de Itapúca (Niterói) e, ao fundo, o Corcovado. O contorno é formado por palmas, à direita e à esquerda, que tocam as extremidades de duas azas abertas, na parte superior, onde se lê a divisa – Ubique Patriae Mémor. – Em baixo, ao centro, está o brasão de armas, tendo ao seu campo uma esfera armilar. Finalmente, a letra “Da biblioteca de J.M. da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco”.

A divisa escrita em latim corresponde em português, “Em qualquer lugar, terei sempre a Pátria em minha lembrança”. Esta mensagem revela o nacionalismo exacerbado do Barão.

10.2 *Ex libris* do Visconde do Rio Branco

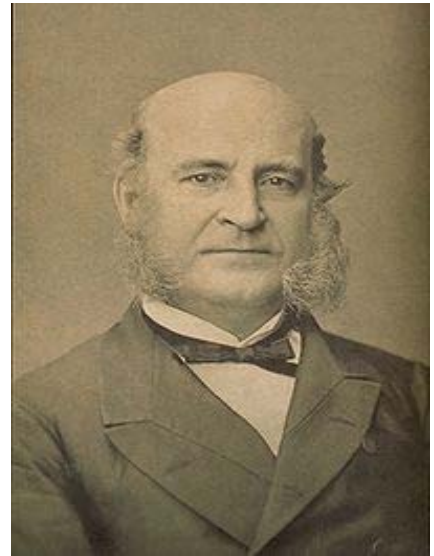


Figura 25 - Retrato do Visconde do Rio Branco

Fonte: wikipédia.

José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, pai do Barão do Rio Branco, cujo *ex libris* foi analisado no subitem acima. Nasceu em 1819, no Estado da Bahia, até então, chamada de capitania. Foi estadista, professor, jornalista, diplomata, monarquista e um dos principais políticos do Segundo Império Brasileiro. Entre os cargos ocupados na política, destacam-se: Ministro Chefe do Gabinete, Primeiro-Ministro do Brasil, Ministro Plenipotenciário no Uruguai, Presidente do Conselho de Ministros entre vários outros. Faleceu no dia 1 de Novembro de 1880, no Rio de Janeiro.

A seguir, mostrar-se-á sua marca de propriedade juntamente com as características correspondentes.



Figura 26 - Ex Libris de Visconde do Rio Branco

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 34.

O *ex libris* do Visconde é classificado como Heráldico por apresentar uma ilustração que faz referência a um brasão, provavelmente o de sua família. Quanto à divisa, escrita em latim, “Deus et labor”, tem como significado em português “Deus e Trabalho”.

Utiliza-se também da língua latina, ao exibir o seu pseudônimo, “Vicecomitis do Rio Branco” e a abreviatura do cargo que possuía “Sen. Imp. Brasiliensis”, ou seja, “Senador do Império Brasileiro”. Apresenta-se de forma abreviada, o seu nome verdadeiro “J.M. da Silva Paranhos”. Este *ex libris* é provavelmente um dos mais antigos no Brasil, onde aparece a expressão “*ex libris*”.

Não foi possível encontrar o tipo de técnica de impressão utilizada na confecção da marca bibliográfica devido à limitada fonte de pesquisa sobre o assunto.

10.3 *Ex libris* do Visconde de Cavalcanti



Figura 27 – Retrato do Visconde de Cavalcanti

Fonte: wikipédia.

Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (PB, 1829 - MG, 1899), mais conhecido por Visconde de Cavalcanti, foi advogado e político brasileiro. Senador do Senado Imperial, um de seus muitos e importantes cargos assumidos. Casado com a D. Amélia de Cavalcanti, Viscondessa de Cavalcanti cuja beleza, formosura, elegância e excepcional inteligência encantava a todos.

A viscondessa também possuía seu próprio *ex libris*, Esteves (1956, p.141) afirma que “sem dúvida alguma, um dos mais bonitos da coleção brasileira. Um mimo de graça e de bom gosto. Simples, mas artístico, é uma das mais belas marcas bibliográficas que temos visto”. Infelizmente, a referida marca não foi encontrada, somente as suas características. Como discorre Esteves (1956), a ilustração é composta de “um florão circundando uma medalha que fecha o retrato, em miniatura, de D. Amélia. Ao alto vê-se uma coroa. Em baixo, o seu nome --- A. de Cavalcanti”. Há em Esteves (1956) a insinuação de que a viscondessa teria sido amante do Barão do Rio Branco.



Figura 28 - Ex Libris de Visconde de Cavalcanti

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 41.

A marca bibliográfica do Visconde foi gravada pelo artista francês Agry, não se sabe qual técnica de impressão utilizada. Contudo, baseado em outras gravações, infere-se que consiste na gravação a água forte. É classificado como Heráldico por apresentar um brasão com a seguinte divisa: “Cavalcante dos Cavalcantis”. Em latim, apresentam-se a expressão “*ex libris*”; o seu pseudônimo “Vicecomitis de Cavalcanti”; e a abreviatura de sua ocupação, “Senat. Imp. Brasiliensis”.

O desenho retrata um cavaleiro vestido de uma armadura, montado em cavalo, segurando uma espada. Os dizeres da divisa juntamente com o desenho, fazem uma alusão ao significado de seu nome cuja correspondência equivale a cavaleiro.

10.4 *Ex libris* de Eduardo Prado



Figura 29 - Retrato de Eduardo Prado

Fonte:wikipédia.

Eduardo Paulo da Silva Prado nasceu na cidade de São Paulo em 27 de fevereiro de 1860, tendo falecido no dia 30 de agosto de 1901. Foi jornalista e um importante escritor brasileiro cujas publicações destacam-se : “Viagens”, “Os fastos da ditadura militar no Brasil”, “Anulação das liberdades públicas”, “A ilusão americana” e etc. Monarquista convicto, utilizava-se de suas obras e publicações em jornais e revistas para criticar os ideais republicanos.

Eduardo Prado foi membro e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, instituída em 20 de Julho de 1897, no Rio de Janeiro. Bastante amigo de célebres personalidades, tais como: Eça de Queiros, Rio Branco, Olavo Bilac, Afonso Arinos. Tio do mecenas Paulo Prado, grande poeta brasileiro e incentivador da cultura.

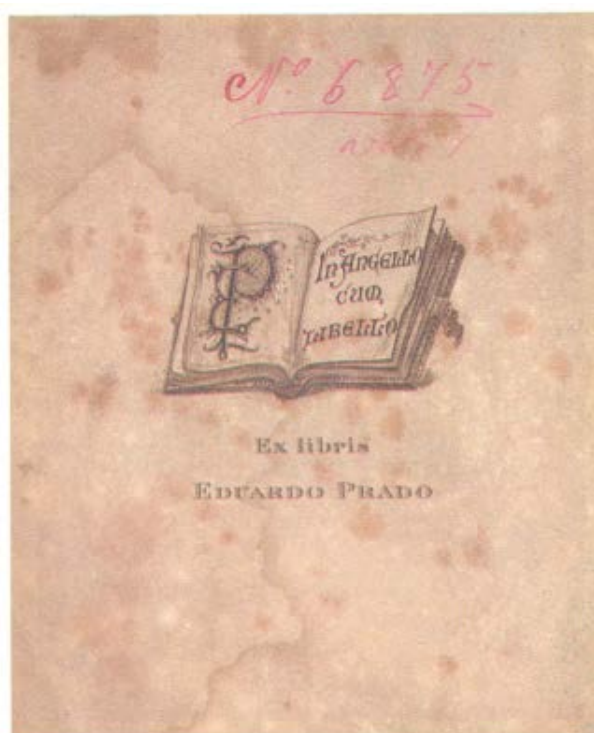


Figura 30 - Ex Libris de Eduardo Prado

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 84.

O *ex libris* de Eduardo Prado está classificado sob a categoria de Livrescos, pois apresenta uma ilustração de um livro. Para a gravação, utilizou-se da técnica de impressão, água forte. Os dizeres, em latim da divisa, correspondem em português: “No anjo com o livro”. Desconhecem-se as informações referentes ao local, data e ao nome do artista.

Muito provavelmente, a escolha da imagem da marca de propriedade está relacionada com algo referente à sua vida particular. Possivelmente, por possuir profissões bastante associadas à informação e aos livros (jornalista e escritor), além

de ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Tais motivos justificam a escolha pelo o tema.

10.5 *Ex libris* de Rubens Borba

Rubens Borba Alves de Moraes nasceu dia 23 de janeiro de 1899, em Araraquara, São Paulo e faleceu dia 2 de setembro de 1986 na capital paulista. Em sua vida profissional, destacam-se três atribuições, todas com o mesmo denominador comum, a afeição ao livro. Entre elas estão: o bibliotecário, o bibliófilo e o bibliógrafo. (BANDEIRA, 2005)

Como bibliotecário, foi Diretor da Divisão de Bibliotecas do Departamento de Cultura e Recreação da Prefeitura do Estado de São Paulo; Diretor da Biblioteca Municipal; em 1938, fundou a Associação Paulista de Bibliotecários; Diretor da Biblioteca Nacional; Diretor da biblioteca da ONU, Professor da Universidade de Brasília e etc.

Na área de Bibliografia, recebeu o prêmio internacional de Bibliografia portuguesa “Manoel Cordeiro” no ano de 1987 devido ao conjunto de sua publicação bibliográfica e também pela contribuição às investigações bibliográficas em Portugal. Publicou inúmeras obras, dentre elas: *O problema das bibliotecas brasileiras* (1943), *Manual bibliográfico de estudos brasileiros* (1949), *Bibliographia brasiliana*, entre outras.

Considerado um dos maiores bibliófilos brasileiros, Borba formou dois riquíssimos acervos de obras raras para o Brasil, sendo superior ao acervo que se encontrava na Biblioteca Nacional. Também como bibliógrafo, teve uma imensa preocupação com a preservação das fontes históricas e da cultura.

Além das referidas ocupações, Borba também participou do evento que culminou com a Semana da Arte Moderna, realizada no ano de 1922; colaborou no desenvolvimento das revistas *Klaxon*, *Terra Roxa* e *Outras Terras* e *Revista de Antropofagia*.

66

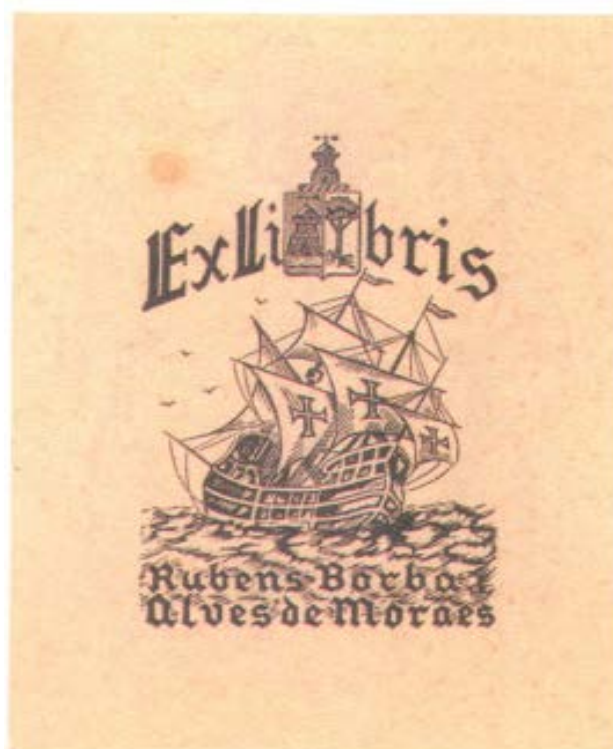


Figura 31 - Ex Libris de Rubens Borba

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 48.

O *ex libris* do bibliófilo Rubens Borba foi desenhado e gravado pelo o artista Adolfo Köhler. Para a gravação, utilizou-se da técnica de impressão chamada Xilogravura. Quanto à classificação, enquadra-se em Heráldicos por apresentar um brasão, provavelmente o de sua família. Além da expressão “*ex libris*” e o seu nome completo, não é apresentada nenhuma informação quanto ao ano, lugar, dizeres de divisa e etc.

Possivelmente, a imagem do *ex libris* remete às caravelas lideradas pelo português Pedro Álvares Cabral, visto que, o sobrenome de Rubens é de origem portuguesa. Considera-se tal afirmação apenas como uma hipótese.

10.6 *Ex libris* de Oswaldo Cruz



Figura 32 - Retrato de Oswaldo Cruz

Fonte: wikipédia.

Oswaldo Gonçalves Cruz nasceu em São Luís do Paraíta, no Estado de São Paulo, em 1872 e faleceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 1917. Médico e sanitarista paulista contribuiu de forma significativa para a Medicina Brasileira. Foram de competência de Oswaldo a preparação da vacina contra a peste bubônica, em 1899; erradicação pelo período de quatro anos da Febre Amarela. Enfrentou forte resistência da população por causa da campanha de vacinação obrigatória; colocou em prática o seu plano de saneamento na região Norte do Brasil com o objetivo de erradicar a malária, entre outras inúmeras contribuições na área da Saúde.

Oswaldo Cruz elegeu-se para a Academia Brasileira de Letras em 1912, foi nomeado prefeito de Petrópolis, em 1916, renunciou em razão de problemas de saúde que o levaram à morte no ano posterior.

68

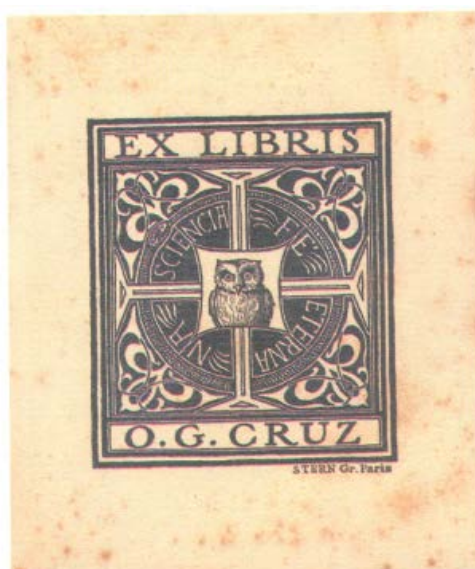


Figura 33 - Ex Libris de Oswaldo Cruz

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 159.

A marca de propriedade de Oswaldo Cruz foi desenhada pelo artista chamado H. Stern, em Paris, conforme exposto no próprio *ex libris*. Enquadra-se na classificação “Profissionais”, por apresentar imagens que simbolizam a sua ocupação, no caso, a figura de uma coruja juntamente com a divisa. Entretanto, para o exlibrista Manuel Esteves (1956), trata-se de um *ex libris* simbólico e o interpreta da seguinte maneira:

“No centro destaca-se a figura de uma coruja, a ave que simboliza a ciência. Para fora, bem gravadas vêm-se estas palavras: ‘Fé eterna na

ciência', palavras que estão dentro de um círculo formado por uma cobra. Esse círculo, se não estamos enganados, deve ser a letra inicial do nome 'Oswaldo'. Uma bela ornamentação sobressai a Cruz de Cristo que domina todas as outras partes do ex-libris. Desse modo, a 'Cruz', completa o nome do possuidor da vinheta. Terminando, no alto estão as palavras '*Ex libris*', e embaixo o nome 'O. G. Cruz'". (ESTEVES, 1956, p.155)

O conjunto de elementos apresentados no *ex libris*, tenta transparecer as características mais marcantes da personalidade de Oswaldo Cruz. A imagem, uma coruja, símbolo de inteligência, sabedoria e vigilância constante e os dizeres da divisa "fé eterna na sciencia", representam o compromisso com a profissão, a preocupação com a saúde no Brasil e a erudição. O ano e a técnica de impressão utilizada, informações consideradas importantes para a análise do *ex libris*, não foram encontradas.

69

10.7 *Ex libris* de Catullo da Paixão



Figura 34 - Retrato de Catullo da Paixão Cearense

Fonte: wikipédia.

Catullo da Paixão Cearense nasceu em São Luís do Maranhão no dia 08 de outubro de 1863. Junto com seus pais e irmãos, mudou-se no ano de 1880 para o Estado do Rio de Janeiro, local onde iniciou a sua carreira musical e literária.

Como músico, foi um habilidoso violeiro e criador de diversas composições, denominadas "modinhas", tais como: "Choros ao violão", "Trovas e canções" e "Luar do sertão (1908)", considerada por muitos como o hino nacional brasileiro. Além

disso, foi o responsável pela reabilitação e moralização do violão, levando-o para os nobres salões do Rio de Janeiro. Para a composição de algumas modinhas, fez parcerias com conhecidos músicos da época, como por exemplo, Anacleto de Medeiros, Chiquinha Gonzaga, Francisco Braga, Vicente Celestino, entre outros.

Boêmio convicto, Catullo faleceu (na pobreza) no dia 10 de maio de 1946, no Rio de Janeiro.

70



Figura 35 - Ex Libris de Catullo da Paixão Cearense

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 103.

O desenho apresentado no *ex libris* de Catullo da Paixão Cearense foi realizado por José Correia de Moura e gravado a partir da técnica de gravura

conhecida como zincogravura. Está classificado como “Faunístico”, pois o foco da imagem se concentra na figura de um animal. Poder-se-ia, talvez, enquadrá-lo também na categoria “Musicais”, por retratar elementos associados à música, tanto o galo, quanto o violão. Ou melhor, neste trabalho, categorizá-lo como “Mistos”, por possuir características de ambas as classificações.

O *ex libris* de Catullo é um ótimo exemplo para validar a informação a seguir que foi retirada do tópico referente à importância dos *ex libris*: (...) “ligado a manifestações de ordem estética, a sua imagem é capaz de revelar o seu lado psicológico, denunciando gostos, grupo social, costumes e até mesmo a cultura”. Baseado nesta afirmação descrever-se-á o *ex libris* pertencente ao Catullo.

71

São muitas as representações dadas ao galo, desde a mascote do Atlético Mineiro, o símbolo da Seleção Francesa de Futebol, o símbolo da Publicidade, o animal do horóscopo chinês, o Galo de Barcelos (símbolo nacional de Portugal), entre inúmeras outras associações.

Entretanto, o galo mostrado no *ex libris*, representa o cantar, o nascimento de um dia e de uma vida nova, o nascer do sol, o despertar de uma noite. Faz referência à profissão de Catullo. Para complementar, apresenta-se também o violão, instrumento que Catullo utilizava para acompanhar a sua cantoria.

Além das composições musicais, as denominadas “modinhas”, Catullo escrevia também poemas, muitos dos quais descrevem seus sentimentos mais profundos, relacionados com o amor. Neste *ex libris*, este aspecto é simbolizado através de elementos considerados românticos, tais como: o luar (o conjunto, estrelas, lua, noite), as flores e até mesmo o violão.

A divisa, “natureza, música poema”, também facilita a interpretação do *ex libris*.

10.8 *Ex libris* de Getúlio Vargas



Figura 36 - Retrato de Getúlio Vargas

Fonte: wikipédia.

Getúlio Dornelles Vargas nasceu em 1882 em São Borja, no Estado do Rio Grande do Sul e faleceu em 1954, no Rio de Janeiro. Sua vida política teve início em

1909 ao ser eleito Deputado Estadual no Rio Grande do Sul e entre 1922 e 1926 ocupou Cadeira Federal. Dos anos 1926 a 1928 dirigiu o Ministério da Fazenda, de 1928 a 1930 governou o Estado do Rio Grande do Sul e posteriormente, comandou a Revolução de 1930 e por consequência, conseguindo o cargo de Presidente da República.

Entre as realizações em seu mandato destacam-se: promulgação da Constituição de 1934, ampliação dos direitos dos trabalhadores, adoção de medidas econômicas “nacionalizantes”, tal como a formação da Companhia Siderúrgica Nacional.

Devido a um golpe militar, foi deposto em 1945, reelegendo-se para a Presidência da República apenas no ano de 1950. Neste segundo mandato, fundou a Petrobrás e outras empresas estatais. Por motivos ainda hoje nebulosos, em 24 de Agosto de 1954 cometeu o suicídio.



Figura 37 - Ex Libris de Getúlio Vargas.

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 160.

Pouco se sabe sobre a marca de posse pertencente a Getúlio Vargas. O desenho, o tipo de técnica de impressão para a confecção, o ano, o local, o artista, entre outros elementos, são desconhecidos. A única informação obtida consiste na divisa exposta no próprio *ex libris*, “A violência gera a violência e só o amor constrói para a eternidade.”

Embora não tenha encontrado dados suficientes para uma descrição com mais detalhamento, achou-se necessário incluir este *ex libris* por conta da importância que o seu possuidor teve para a História do Brasil e também pela exuberância do desenho apresentado. Portanto, devido à falta de informações, a análise terá como base os dizeres da divisa.

É sabido que Getúlio Vargas foi considerado um grande líder populista brasileiro, apelidado até de “Pai dos Pobres”.

De acordo com o site chamado “Vocabulário de História” o populismo é:

“Uma forma de governar em que o governante utiliza de vários recursos para obter apoio popular. O populista utiliza uma linguagem simples e popular, usa e abusa da propaganda pessoal (...) possui um comportamento bem carismático. É muito comum encontrarmos governos populistas em países com grandes diferenças sociais e presença de pobreza e miséria”.

Diante de tal definição, resta a seguinte dúvida: Além de aproveitar-se dos principais veículos de comunicação em massa para as suas propagandas, Getúlio Vargas também utilizou-se de um rebuscado meio de informação para a transmissão de mensagens populistas? Será que a divisa por “empregar uma linguagem simples e popular” e expor uma declaração mensagem considerada “carismática”, conforme tratado na citação acima, pode ser julgada de cunho populista?

Caros leitores, deleitem-se com tal reflexão.

10.9 *Ex libris* de Otto Floriano

Otto Floriano d'Almeida nasceu no ano de 1895, no Rio de Janeiro. Além de funcionário do Ministério da Educação, trabalhou como professor e jornalista. Entre as suas publicações destacam-se: *Escumilhas* (1925) e sonetos alexandrinos. Escreveu também outros trabalhos de poesia, prosa e estudos sobre o Brasil. Também foi colecionador e estudioso de exlibrismo.

Além de membro, Otto fez parte da diretoria da Sociedade de Amadores Brasileiros de *Ex libris*, mais conhecida como S.A.B.EL, teve o cargo de 1º secretário.

Devido às escassas fontes bibliográficas sobre Otto Floriano, pouco se pôde discorrer sobre a sua vida pessoal, nem mesmo se conseguiu uma foto sua. Entretanto, a seguir, será mostrada uma detalhada interpretação de um *ex libris* de propriedade de Otto, retirada do Boletim nº 3 do ano II da S.A.B.EL.



Figura 38 - Ex Libris de Otto Floriano

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 118.

O *ex libris* de Otto Floriano foi desenhado por ele mesmo e gravado a partir da técnica de impressão denominada zincogravura. Enquadra-se na categoria “Femininos”, por apresentar como imagem principal a figura de uma mulher. Gravado no Rio de Janeiro, no ano de 1946, informações retiradas do próprio *ex libris*.

Segue abaixo, a análise retirada do Boletim conforme afirmado anteriormente:

“A mulher, encarnação da beleza, representa a Estética, filosofia da arte, erguendo-se, sob a aureola de estrelas da inspiração, entre a coluna angular da Verdade e a coluna viridente da Esperança.

Concebe o autor a formação da individualidade espiritual reunindo ESPÍRITO, ALMA E CARÁTER, sendo a Verdade a manifestação mais nobre do Caráter, a Esperança o estado mais luminoso da Alma, e a Estética a irradiação mais sublime do Espírito”.

10.10 *Ex libris* de Cecília Meirelles



Figura 39 - Retrato de Cecília Meirelles

Fonte: wikipédia.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu no dia 7 de novembro de 1901, na Tijuca, Rio de Janeiro. Marcada por uma triste história: é a única sobrevivente dentre quatro filhos, seu pai morreu três meses antes de seu nascimento e sua mãe quando ainda tinha dois anos. Diante de tais circunstâncias, foi criada pela avó. “Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão.” (Meirelles, 19-?).

Escreveu seu primeiro poema com apenas nove anos e publicaram o seu primeiro livro, “Espectros” aos dezesseis, em 1919. A partir daí, foram inúmeras as obras publicadas, desde poemas, teatros, filmes entre outros. Casou-se em 1922 com o pintor português Fernando Correia Dias com quem teve três filhas. Em 1935 Fernando suicida-se.

Cecília faleceu no dia 09 de novembro de 1964.



Figura 40 - Ex Libris de Cecília Meireles

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 106.

O *ex libris* de Cecília Meireles foi desenhado pelo seu marido, o pintor português Fernando Correia Dias. É classificado como Faunístico, por exibir como desenho principal, uma cegonha. Juntamente ao desenho, expõem-se os seguintes dizeres na divisa: “... como uma cegonha, que sonha, que sonha e sonha...”

De acordo com os acontecimentos ocorridos na vida da escritora, fica claro entender o porquê da escolha dos temas abordados em seus poemas. Percebe-se que é através deles que Cecília descreve os seus sentimentos mais íntimos e profundos. Geralmente, seus dizeres estão relacionados com os seguintes assuntos: a efemeridade da vida, morte, eternidade do espírito, fortalecimento a partir de fatos tristes, amor e renascimento e etc.

Diante de tais pontos, infere-se que ao escolher a figura da cegonha, Cecília Meireles almeja retratar, embora em forma de ilustração, os mesmos temas que aborda em seus poemas. Por exemplo, a cegonha retratada em seu *ex libris* simboliza felicidade, nascimento e fertilidade. Para os chineses o animal atrai vida longa. Já sob o ponto de vista cristão, a cegonha é inimiga do mal.

10.11 *Ex libris* de Carlos Lacerda



Figura 41 - Retrato de Carlos Lacerda

Fonte: wikipédia.

Político e jornalista, Carlos Frederico Werneck de Lacerda nasceu no ano de 1914, em Vassouras, Rio de Janeiro e faleceu em 1977. Quanto aos seus feitos realizados na política, destacam-se: o mandato de vereador no Rio de Janeiro ganho pela União Democrática Nacional (UDN), em 1946; Foi Lacerda quem fundou o jornal *Tribuna da Imprensa*, em 1949. Historicamente, ficou bastante conhecido por opor-se ao governo de Getúlio Vargas e também à posse de João Goulart. Elegeu-se deputado federal nas eleições de 1954. Governou o ex Estado da Guanabara de 1960 a 1965 e por fim, apoiou a revolução de 1964.

Diante o início do Governo de Castelo Branco, com o apoio de antigos adversários, formou a Frente Ampla, contrária ao regime militar. Por conta da cassação de seus direitos políticos em 1968, dedicou-se ao jornalismo e criou a editora Nova Fronteira. Escreveu inúmeros livros, entre eles "O Caminho da Liberdade", "O Poder das Idéias", "Brasil entre a Verdade e a Mentira", "Paixão e Ciúme", "Crítica e Autocrítica", "A Casa do meu avô; Pensamento, palavras e obras", "Depoimento" e "Discursos Parlamentares"



Figura 42 - Ex Libris de Carlos Lacerda

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 165.

O *ex libris* de Carlos Lacerda foi desenhado pelo artista chamado Vitor Pedro Brumlik. É classificado como *Profissionais*, pois apresenta as imagens de um jornal e uma lamparina, objetos facilmente associados à sua profissão, o jornalismo. Vale lembrar que foi Lacerda quem fundou o polêmico “Tribuna da Imprensa”.

Não foi possível encontrar o tipo de técnica de impressão utilizada na confecção da marca bibliográfica, o ano e o local de realização, devido à limitada fonte de pesquisa sobre o assunto.

Quanto à análise das imagens descritas em sua marca bibliográfica, acredita-se que Carlos Lacerda ao escolher tais objetos almeja retratar a importância do Jornalismo. A lamparina sobrepondo-se ao jornal simboliza que através deste meio de comunicação é possível “iluminar” e “esclarecer” a população. De forma inteligente, Lacerda conseguiu unir suas duas ocupações, ou seja, o jornal era o principal canal de transmissão de seus ideais, de suas oposições contra o governo.

10.12 *Ex libris* de Juscelino Kubitschek



Figura 43 - Retrato de Juscelino Kubitschek

Fonte: wikipédia.

Juscelino Kubitschek de Oliveira nasceu em Diamantina, Minas Gerais, em 1902 e faleceu em 1976. Graduado em Medicina, tornou-se um famoso e reconhecido médico. Quanto sua vida política, obteve inúmeras realizações, entre as quais: Elegeram-se deputado Federal em 1934; foi nomeado prefeito de Belo Horizonte em 1940; conquistou uma cadeira na Câmara dos Deputados Pelo PSD, o Partido Social Democrático; em 1946, foi governador de Minas Gerais; entre 1950 e 1955, com o lema “50 anos em 5”, ganhou a eleição para a Presidência da República. Sem dúvida, sua maior realização consistiu na construção da nova capital do Brasil localizada no Planalto Central, inaugurada no dia 21 de Abril de 1960.

Sua carreira política acabou devido ao golpe militar de 1964. Além de perder o mandato, teve os seus direitos políticos suspensos por dez anos. Durante este período, exilou-se em Nova York e posteriormente, em Paris. Ao voltar ao Brasil, dedicou-se a carreira de empresário.

Em 1976, Juscelino Kubitschek morreu em um acidente automobilístico.



Figura 44 - Ex Libris de Juscelino Kubitschek

Fonte: MARTINS FILHO, 2008, p. 49.

A marca de posse de Juscelino Kubitschek foi desenhada por um dos mais renomados artistas especialistas em *ex libris*, Alberto Lima (já referenciado anteriormente neste trabalho). É classificado como Heráldico, por apresentar o brasão do Estado de Minas Gerais. De acordo com os dados retirados do próprio *ex libris*, o ano do desenho corresponde a 1954 e possui a seguinte divisa: "Energia e transporte"

Sob o aspecto de simbologia das ilustrações, pode-se afirmar que o *ex libris* pertencente a Juscelino é considerado um dos mais ricos e exuberantes. São inúmeros os elementos que podem ser analisados. Dentre eles, destacam-se três.

O primeiro aspecto trata da figura exibida logo em baixo da expressão “*ex libris*”. Trata-se do brasão do Estado de Minas Gerais criado pela Lei nº 1, de 14 de Setembro de 1891, sendo aprovado pelo o Decreto nº 6498, do dia 05 de Fevereiro de 1924.

De acordo com o site “descubra Minas”, desenvolvido pelo SENAC Minas, a descrição da ilustração do brasão é a seguinte:

“Forma uma estrela de cinco pontas, contornada por filetes de cor vermelha; em seu centro figuram duas picaretas de mineração, cruzadas e sobre elas uma lanterna de mineiro. De cada lado da estrela, há dois ramos grandes de café, na parte exterior, e dois ramos pequenos de fumo, a partir dos vértices de baixo da estrela, de cor verde e com flores vermelhas e arroxeadas.

Na parte inferior do escudo, corre uma faixa com o nome do Estado de Minas Gerais, e, em um laço, abaixo dela, a data de 15 de junho de 1891, que é a data da primeira Constituição do Estado.

Contornando a ponta superior da estrela, a divisa: *Libertas quae será tamen*”

Os ramos de café e tabaco, os instrumentos dos mineiros, representam e retratam os símbolos das principais riquezas do Estado de Minas Gerais daquela época. Quanto à divisa, escrita em latim, do brasão, corresponde em português “Liberdade ainda que tardia”.

Segundo aspecto a ser analisado corresponde à divisa do *ex libris* “Energia e transporte”, tal mensagem refere-se a um dos objetivos do Plano de Metas do governo de Juscelino, conforme descreve Cláudio Vicentino (2005) :

“A coordenação global da política econômica do governo era feita com base no **Plano de Metas**, que definia os principais objetivos a serem atingidos, agrupados em cinco setores: **energia, transporte** – que receberam perto de 70% da dotação orçamentária original do plano -, **indústria, educação e alimentação**. Nestas duas ultimas áreas, as metas não foram alcançadas, o que passou despercebido diante da exaltação do sucesso das outras”

De acordo com a manifestação de Vicentino, percebe-se que a concentração das metas eram em obras físicas e visíveis, com grande efeito propagandístico, de cujo exemplo mais claro foi a construção de Brasília. O referido ato também pode ser denunciado pela a mensagem exposta na divisa do seu *ex libris* “Energia e transporte”. Juscelino poderia ter escrito qualquer outro objetivo do Plano de Metas, contudo, conforme dito em tópicos anteriores, o *ex libris* está incluso entre as principais fontes de informação.

Outro elemento que merece destaque consiste na figura localizada à direita, no canto inferior: consta uma serpente entrelaçada a um bastão. Tal imagem é o símbolo da Medicina e tem sua origem na mitologia grega. Símbolo de Asclépio, filho de Apolo e da ninfa Coronis. Foi criado pelo centauro Quiron, que lhe ensinou o uso de plantas medicinais. Tornou-se um médico famoso e, segundo a lenda, além de curar os doentes que o procuravam, passou a ressuscitar os que ele já encontrava mortos, ultrapassando os limites da medicina. Foi por isso fulminado com um raio por Zeus. Após a sua morte, foi cultuado como deus da medicina, tanto na Grécia, como no Império Romano. (REZENDE, 2004)

11 Panorama atual

De acordo com a trajetória histórica da prática do *exlibrismo* pelo o mundo, o século XX é marcado pelo enorme crescimento tanto de exposições, publicações e revistas específicas da área, quanto da produção de *ex libris* devido à modernização e industrialização de técnicas de impressão.

O ápice do *exlibrismo* brasileiro aconteceu nas décadas de 40, 50 e 60 devido a vários acontecimentos semelhantes ao ocorrido no restante do mundo. É nesta época que pessoas com o mesmo interesse começaram a se reunir para debater temas inerentes ao assunto. Em consequência, surgiram as principais sociedades sobre *exlibrismo*. Juntamente com as primeiras publicações *exlibristicas*, surgiram revistas especializadas, a arte do colecionismo propagou-se, as técnicas de impressão modernizaram-se, entre outros aspectos. Enfim, foram inúmeros os fatos que fizeram com que a prática do *exlibrismo* prosperasse.

Hodiernamente, os *ex libris*, bem como as outras artes gráficas existentes, acompanharam as novas e modernas tendências tecnológicas e informacionais. É notório o crescimento do uso da Internet para diversas finalidades, e tal acontecimento provavelmente é resultado da alta interoperabilidade, possibilidade de uma comunicação rápida e acessibilidade facilitada que essa rede proporciona.

Diante desse quadro, surgiu a necessidade de adaptar princípios do *ex libris* ao mundo virtual. Criou-se então, o denominado *ex webis*. A idéia de identificar artisticamente a propriedade de sítios da web partiu do colecionador de *ex libris*, o catalão Josep Manzano. Esse modo de indicação é explicado com mais detalhe pelo próprio criador em seu site chamado “*Del ex libris al ex webis*”:

“Seria a forma de adicionar um toque de arte personalizada para determinados sites, a fim de adicionar um sinal de identidade por meio do trabalho de um artista. Pode ser entendida como a evolução no ciberespaço(...)

Eu admito que muitos sites são, por si só, verdadeiras obras de arte, mas o *Ex Webis* seria um sinal de distinção, e, como o da *Ex libris*, poderiam ser alvo de colecionadores, com a vantagem de estes, ao contrário de seus antecessores, estão disponíveis em todo o mundo através da rede.”

O autor propõe a seguinte estrutura para o ex webis:

“Este elemento deve ser composto, tal como o da *Ex libris*, de uma imagem artística, incluindo a legenda Ex Webis seguido pelo nome do dono do site e, opcionalmente, a data de criação e assinatura do artista. Isso significaria ‘site do Proprietário’”.

O ex webis é um novo elemento das artes gráficas e já pode ser considerado, embora bastante recente, uma tendência que já possui artistas adeptos. Tais como: o chinês Xu Zirong, o espanhol Jaume Carbonell, Maria Arango dos Estados Unidos, Maria Aran da Argentina, entre inúmeros outros. As obras destes artistas podem ser apreciadas no site realizado por Manzano.

É interessante notar que tal como ocorre em relação aos *ex libris*, os ex webis abordam também uma variada gama de assuntos. Contudo, devido ao suporte utilizado, esse novo estilo possibilita o movimento dos desenhos, uma espécie de *ex animados*. Logo abaixo é mostrado um dos *ex webis* realizados pelo brasileiro Luthio di Céciro.



Figura 45 - Ex Webis de Luthio di Céciro

Fonte: De ex libris al ex webis, [20-?].

Por estar exemplificado nessa forma impressa de monografia, não há como mostrar que há uma animação com o “fogo” que sai da ponta do “L”. Provavelmente, o artista aproveita-se do formato da ponta da letra para fazer uma alusão a um charuto ou a uma tocha.

Apesar dos séculos XX e XXI serem marcados pelas transformações e avanços tecnológicos, ainda assim, nesse período existem apreciadores do exlibrismo. Dentre os colecionadores, podem ser citados nomes como Paulo Berger, Rubens Borba de Moraes, o alemão Dr. Werner Grebe, entre outros.

Quanto às publicações, Paulo Berger lançou o “Catálogo de *Ex libris* Brasileiros” com quase 5000 *ex libris* relacionados em 2007; foi publicada a obra “Ex-Libris”, uma seleção de aproximadamente 80 marcas pertencentes a célebres brasileiros; Mme. Germaine Meyer-Noirel - grande figura do ex-librismo mundial, lançou diversas publicações referentes à história do exlibrismo na França. Ainda existem publicações periódicas sobre o assunto, tais como: a *DEG-Mitteilungen*, realizada pela Associação Alemã de *Ex libris*; a ADA, Associação de Desenhadores da Argentina publica a revista chamada *Sacapuntas*. Permanecem a existir várias associações e sociedades exlibrísticas.

São ainda realizadas exposições de *ex libris*. Dentre essas, destaca-se o XXXIII Congresso Internacional de Ex-Líbris da Sociedade de Artistas e Colecionadores de Ex Libris, a denominada FISAE – 2010, que terá lugar em Istambul, Turquia, de 25-29 de Agosto, um evento considerado histórico.

O exlibrismo também é um assunto principal de inúmeros blogs e sites situados na Internet, tanto brasileiros quanto internacionais.

Fez-se necessário citar alguns exemplos de acontecimentos, eventos, publicações ou pessoas ligadas ao *ex libris* neste trabalho, para que se possa deixar claro que a prática do exlibrismo, embora pouco abordada e divulgada nos veículos de comunicação em massa, ainda existe e tem seus apreciadores.

12 Conclusão

Ao discorrer sobre este assunto conclui-se que o *ex libris* possui várias características marcantes: uma exuberante arte gráfica, uma forma rebuscada de indicação de propriedade, o seu colecionismo é uma forma culta de entretenimento e também é considerado uma importante fonte de informação. Na maioria das vezes, os desenhos e dizeres descritos nas marcas bibliográficas são extremamente ligados às características de seu possuidor, conforme abordado no tópico 10, referente à análise de *ex libris* pertencentes a célebres brasileiros. Nota-se em alguns casos que descobre-se quem é o proprietário da marca somente pela divisa e pelo conjunto de imagens contido em seu *ex libris*.

Percebe-se também que a prática do *exlibrismo* não está desaparecendo, como muitos afirmam. Esta discussão remete a outro tema semelhante bastante discutido na área de Comunicação Social, referente ao possível desaparecimento do uso de suportes impressos, como por exemplo, livros, jornais, revistas ou até mesmo alguns materiais sonoros contidos em embalagens impressas, tais como os CDs.

Acredita-se que por causa da denominada Revolução Digital, os modelos tradicionais, os que utilizavam o papel, se adaptarão às novas tecnologias, ou seja, estão sendo criadas versões eletrônicas dos veículos de comunicação ou fontes de informação impressas. Diante de tais pontos, observa-se que os *ex libris*, por serem considerados importantes fontes de informação e vinculados às publicações que possivelmente serão visualizadas em formato eletrônico, terão que acompanhar as tendências de tal revolução.

Portanto, devido à mudança de suporte das publicações, é interessante que o *ex libris* se adapte para conseguir acompanhar as transformações. Dessa maneira, poderemos continuar nos deleitando e nos informando com tamanha exuberância desta “arte miniatura”.

13 Bibliografia

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Erotismo**: Seguido de reflexões sobre o problema do amor(o). São Paulo: Principio, s.d. 111 p.

BERTINAZZO, Stella Maris de F. *Ex libris*, pequeno objeto de desejo. In: **Anais do Congresso Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 1996, São Paulo.

BAZAR das palavras. Disponível em: <http://www.bazardaspalavras.com.br/exlibris.php>. Acesso em: 25 Outubro 2009.

BODMER, Paulo. Cultura e conhecimento. Disponível em: http://www.brasilcult.pro.br/ex_libris/index.htm. Acesso em: 15 Outubro 2009.

BRAGANÇA, José Vicente de. EX Libris –Bookplates. In: Web sites & Blogs. Disponível em: <http://www.jvarnoso.org/>. Acesso em: 25 Outubro 2009.

BRAGANÇA, José Vicente de. A Arte do Ex-Líbris: a arte da gravura e as artes gráficas, a paixão dos livros, os ex-líbris. Disponível em: <http://exlibrisbibliofilia.blogspot.com/>. Acesso em: 12 Setembro 2009.

BRANTES, Carlos Alberto. **O que é ex libris**. Disponível em: <http://www.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=28> . Acesso em 4 agos.2009.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Biografias**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

BRUCHARD, Dorothée de. *O ex libris*. Disponível em: <http://escritoriadolivro.com.br/historias/ex-libris.html>. Acesso em: 08 Outubro 2009.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1994.

COSTELLA, Antonio F. **Introdução a gravura e historia da xilografia**. São Paulo Mantiqueira 198-?

COSTELLA, Antonio. **Xilogravura**: Manual pratico. Campos do Jordao: Mantiqueira, 1987.

DESCOBRINDO Minas. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br>. Acesso em 27 Outubro 2009.

ESTEVES, Manuel. **O ex libris**. 2. ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1956. 197 p.

EX LIBRIS. Disponível em: <http://www.calendario.cnt.br/EXLIBRIS.htm>. Acesso em: 12 Agosto 2009.

EX LIBRIS e *ex libris*mo. Disponível em: <http://angobo.no.sapo.pt/exlibris/>. Acesso em: 22 Agosto 2009.

EX LIBRIS museum. Disponível em: <http://www5e.biglobe.ne.jp/~exlibris/index.html>. Acesso em: 17 Setembro 2009.

EX LIBRIS portugueses. Disponível em: <http://bibliomanias.no.sapo.pt/ex-libris.htm>. Acesso em: 24 Agosto 2009.

FRIEIRO, Eduardo. **Livros nossos amigos(os)**. Belo Horizonte: Inconfidência, 1945.

FROM *Ex libris* to Ex Webis. Disponível em: <http://www.geocities.com/exwebis/Inglesprinc.htm>. Acesso em: 18 Agosto 2009.

JUNOD, Benoit. The world of ex-libris: a historical retrospective. Disponível em: <http://karaart.com/prints/ex-libris/index.html>. Acesso em: 17 Agosto 2009.

MARTINS FILHO, Plinio. **Ex-libris** : coleção livraria Sereia de José Luiz Garaldi. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

MOURÃO, Rhéa Sylvia. Da influência do surrealismo na estética contemporânea. Rio de Janeiro, 1981.

MTV debate. MTV. Disponível em: <http://mtv.uol.com.br/debate/videos/mtv-debate-m%C3%ADdia-imprensa-vai-acabar>. Acesso em: 18 Outubro 2009.

PEREIRA, Karina Cibelle de Araújo. **Ex libris**. Brasília: Universidade de Brasília, 2005

Universidade de São Paulo [USP]. Disponível em: <http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0vari>. Acesso em: 23 Setembro 2009.

REZENDE, Joffre M. de. **O símbolo da Medicina:** tradição e heresia. 2004. Disponível em: <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/simbolo.htm>. Acesso em: 21 Outubro 2009.

VICENTINO, Claudio; RODRIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio:** História geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2006.